



OS  
DEZ

MANDAMENTOS



SUPER-PRODUCCÃO DA PARAMOUNT

Edição da

**Bibliotheca-FILM**

# Os Dez Mandamentos

Vi e admirei o celebre *Quo vadis?* Vi e descrevi essas maravilhas que são *Christus*, da "Cines", *Justiça Divina* e *Confissão*. Julguei-os a ultima palavra e, de certo, por longo tempo assim foi.

Não é mais. Ha outra obra cinematographica, dividido em 14 partes, que lhes leva a palma e que, grandiosa no ultimo cyclo (os 10 Mandamentos na vida moderna), no primeiro (o exodo dos israelistas e a promulgação dos 10 Mandamentos) está tão acima de todas as comparações que só encontro uma palavra: monumental.

Tenho reserva a fazer e direi o porque, mas, ao todo, a obra é essencialmente religiosa e impressiona profundamente.

Logo o 1º quadro captiva e mostra que se trata de um trabalho que, em verdade, é de 1ª classe. Por mais que alguém tenha meditado sobre a Biblia, duvido que geralmente tenha uma visão tão nitida da oppressão deshumana de que eram victimas os israelistas, como terá, dentro de minutos, por esses quadros plasticos, de terrivel realismo. As rodas da carroça carregada com o ingente peso duma Esphinge de pedra, impiedosamente esmagam os israelistas cahidos, acabando ao mesmo tempo com o ultimo restinho de possivel indifferentismo do espectador deante da sorte do povo judaico.

E' forte o contraste entre a 1ª e a 2ª parte do *film*. Nesta, a figura estupenda de Moysés, sem recursos humanos, confiante unicamente em Deus, enfrenta a raiva do poderoso Pharaó, em meio de seu palacio de sumptuosidade e luxo phantasticos. Mais grandioso ainda, entretanto, é o exodo dos israelitas, permittido afinal

por Pharaó, depois que viu morto seu primogenito, a ultima das 10 pragas.

Sente-se pequeno o espectador, deante de se Moysés que não hesita em levar um povo inteiro, adultos, velhos e creanças, em pleno deserto onde tudo escasseia; sente-se profundamente impressionado deante das proporções dessa emigração de um povo todo que nada tinha em sua defesa, senão Deus, invisivel.

Pharaó, entretanto, arrependeu-se, mobiliza seus guerreiros e vôa, em centenas de levissimos carros de guerra puxados por fogosos cavallos, atraz dos judeus.

Estão perdidos estes — humanamente, mas, á supplica de Moysés, Deus intervém: uma cortina de fogo, que se levanta alto e se estende largamente, separa perseguidos e perseguidores. Essa scena, como a do exodo, impressiona tanto mais quanto é reproduzida nas côres naturaes (sendo o film não colorido, mas tirado com as côres reaes).

Comtudo ha um *crescendo* ainda, estupendo, o maior prodigio da technica cinematographica. Os israelitas, anciosos, estão deante das aguas agitadas do Mar Vermelho. Levantam-se as ondas, ameaçando a quem a ellas se queria confiar. Mas novamente Deus intervém: lentamente dividem-se as aguas impectuosas, formando dois muros enormes, liquidos, em constante movimento, e deixando no meio, bem fundo, uma larga estrada, pela qual, a um gesto de Moysés, se precipitam os judeus, um povo todo em emigração.

Não tarda, e os egypcios os seguem. Quasi os alcançam, quando os muros desmoronam, as massas ingentes de agua, com todo o seu peso e impeto, caem sobre os

(Continua a pag. 33)

# BIBLIOTHECA



# FILM

(Titulo registrado)

*Revista trimensal de grandes  
enredos dos films a se exhibir  
— no Brasil —*



1 DE JULHO DE 1925

NUMERO 8

RIO DE JANEIRO

I ANNO



## PREÇOS

### AVULSO

No Rio . . . . . \$800  
Nos Estados . . . . . \$900

### ASSIGNATURAS

Série de 24 numeros

No Rio . . . . . 21\$000  
Nos Estados . . . . . 24\$000

A' VENDA EM TODOS OS PONTOS DE VENDA DE JOR-  
— NAES E NOS CINEMAS ONDE SE EXHIBE O FILM —

Redação e —  
Administração: Avenida Rio Branco, 134-2° — Rio de Janeiro  
Tel. C. 1099



**Este film será  
exibido**

**no**

**CINEMA**

**CAPITOLIO**



# Os Dez Mandamentos

Super-produção da Paramount-Picture

PRODUÇÃO DE

Cecil B. D'Mille



|                        |               |
|------------------------|---------------|
| Theodora Roberts ..... | Leatrice Joy  |
| Richard Dix .....      | Nita Naldi    |
| Rod La Rocque .....    | Stelle Taylor |
| Charles de Roche ..... | Julia Faye    |
| Robert Edeson .....    | Edyth Chapman |
| James Neill .....      | Agnes Ayres   |

# OS DEZ MANDAMENTOS

(Super-produção da Paramount-Picture)



ASA humilde, onde a felicidade dos simples e dos bons até áquelle momento habitára, vivia nella modestamente a viuva Martha Mac Tavish, com seus dois filhos, Daniel e John. Senhora duma austera vida, regradada pelos mais altos principios da moral, o seu maior desgosto, e talvez o unico, consistia em não conseguir de seu filho Daniel que a acompanhasse nas suas crenças e no seu amor a Deus. Daniel e John eram dois temperamentos diametralmente oppostos. Emquanto John, que trabalhava de sol a sol na sua carpintaria, vivia todo absorto no amor e no respeito por sua mãe, satisfazendo-lhe os menores desejos e acompanhando-a nos seus severos principios religiosos; Daniel de tudo ria, ambicionando apenas ser rico e poderoso, sem para isso julgar necessaria a intervenção de Deus.

Após o jantar, sob a luz suave que illuminava as paginas abertas da Biblia, a viuva Mac Tavish lia todas as noites pedaços do livro sagrado, para avivar as crenças de seus filhos. John escutava-a em silencio. Daniel ouvia-a constrangido e ancioso que ella concluísse para se lançar, fóra de casa, nos divertimentos que a sua mocidade lhe proporcionava.

Naquella noite a viuva Martha Mac Tavish annunciou a seus filhos que lhe ia lêr as paginas do "Exodo", onde se annunciava a saida do povo hebreu do captiveiro do Egypto e a sua marcha para a terra da promessa, em que, no monte Sinai, Moysés recebera as tabuas dos "Dez Mandamentos". John sentou-se calmamente, prompto a escutar com silencio e respeito. Daniel protestou contra o que elle julgava uma grande masada.

— Minha mãe! Não concordo comsigo! Essa historia dos "Dez Mandamentos" po-

dia ter produzido effeito no tempo dos phariseus. O homem moderno, porém, prefere adorar o... bello sexo!

Martha Mac Tavish exigiu silencio e respeito ao filho desobediente, e de tal fórma fallou, com tanta energia, que Daniel se aquietou e, a contra gosto, se sentou á mesa para ouvir a leitura do emocionante episodio biblico que sua mãe ia lêr e commentar.

E, no meio do maior silencio, ella começou:

\* \* \*

Sob o pesado e cruel dominio dos Pharaós, o escravo povo hebreu soffria as mais duras privações. As obras ciclicas, emprendidas pelos soberanos megalomanos, eram erguidas com o suor do povo de Deus, gemendo sob a escravidão. As piramides gigantescas; as esphinges monumentaes, que ladeavam a entrada do templo de Iris, levantavam-nas a pulso os miserandos escravos que a guerra e a política tinham posto sob o pulso de ferro dos senhores do Nilo.

Para deante do templo de Memphis, um grupo de esphinges marmoreas era arrastado, através terreno arenoso, pelos hebreus. Quando os seus pulsos e hombros, ensanguentados naquelle esforço ingente, enfraqueciam, o chicote do official egypcio silvava no ar, caindo sobre o dorso dos infelizes que proseguiam na marcha dolorosa e brutal. Mais de um sossobrou no caminho e o chicote silvava de novo, não permittindo suspender a marcha, até que as rodas do pesado carro passavam sobre o corpo do infeliz, esmagando-o.

Era uma tragica e formidavel crueldade a que opprimia o povo eleito de Deus sob o dominio dos Pharaós.

Naquella tarde aspera e ardente, o trabalho fóra além das forças humanas. Seria preciso ter um mar de odios no coração para não se sentir piedade por tão crueis soffri-

mentos. De quando em quando, a caravana sangrenta parava, Myrian, a doce e linda irmã de Moysés, vinha mitigar a sêde dos seus infelizes companheiros de escravidão que sofregamente humedeciam os lábios resequidos na agua que Myrian caridosamente lhes oferecia.

Sob o sol ardente, a caravana seguia. De quando em quando, um infeiz caia esgotado de forças, e o official cruel impiedosamente o deixava rolando sob as rodas das pesadas carroças. Em frente ao templo monumental, o official gritou:

— Cães de Israel! Ajoelhae-vos perante o rei dos reis, o conquistador dos conquistadores! Ajoelhae-vos perante o poderoso Pharaó!

E o que não obedecia rapidamente á ordem caia no areal ardente sob chicotadas cruéis.

Era o poderoso e sanguinario Pharaó que passava, com o seu cortejo imponente, as trombetas de prata atroando os ares, por entre mil lanças, no seu palanquim de ouro e sêda, olhando sobranceira e rancorosamente aquella lama humana que se prostava a seus pés. Vinha examinar o andamento das obras com que pensava immortalisar o seu nome através dos seculos, mas cuja grandeza não lhe apagaria da frente o stigma de escravizador de innocentes, de perverso e de tyranno.

O chicote do official abateu os hebreus renitentes a se ajoelharem perante um homem, que não era o seu Deus. Mais de um punho cerrado se ergueu occultamente para o cruel dominador, pedindo para elle e para os seus o castigo do Senhor de Israel.

Ramsés proseguiu de novo na sua marcha imponente e majestosa. Passaram por entre ondas de pó, nas suas armaduras brilhantes, os seus soldados, cavalgando ginetes emplumados. Envolvido pelos olhares vigilantes dos seus guardas, passou elle tambem, lançando um olhar de rancor aos hebreus miseraveis, que elle sabia que o odiavam e que lhe dariam a morte se pudessem.

Passado o cortejo real, que a poeira envolvia lá ao longe, de novo o chicote silvou e os pobres hebreus recommçaram a sua ta-

refa dolorosa, esmagadora. Myrian, chorando lagrimas da mais profunda magua, acodia aos que ficavam pelo caminho fechando-lhe piedosamente os olhos, que não podiam mais ter a ventura de ver a terra da Promissão. Erguendo o olhar meigo para o alto, ella supplicava ao Deus de Israel um remedio para tanto soffrimento, um termo a tão aspera e cruel provação. E do seu rosto meigo, em que parecia viver toda uma belleza celeste, as lagrimas desciam sobre a areia ardente, que as bebia sequiosa.

E contava o livro sagrado:



*Myrian, a doce irmã de Moysés*

“E disse o Senhor: Estou ao pa. da afflicção do meu povo que está no Egypto e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exactores”.

Uma luz de esperança, que trazia uma evidente origem celeste, começou a illuminar o coração dos israelitas.

## II

Deus ordenou a Moysés, o grande legislador, que se dirigisse de novo para o Egypto afim de libertar os filhos de Israel da injusta oppressão. Pegando do seu cajado rude, e acompanhando-se de seu irmão Aarão, sacerdote de Israel, Moysés encaminhou os seus passos para os dominios do tyranno do povo eleito. A sua figura formidavel, a imponencia do seu aspecto, o seu olhar profundo e prescrutador, as suas barbas e cabellos alvinientes, enchiam de respeito os crentes e

atemorisavam os tyrannos. Quando as suas sandalias rudes pisavam os marmores do palacio de Ramsés, a soldadesca brutal tentou impedir que o propheta se approximassem do throno. Mas o seu braço potente arredou-os do seu caminho e elle penetrou, altivamente, até junto do Pharaó, soberbamente sentado no seu throno de ouro, empunhando o sceptro que a flor de lotus encimava. Os seus passos firmes e o bater do seu cajado echoavam nas altas abobadas, e os leões que se deitavam junto dos primeiros degrãos do throno olhavam-no desconfiados. A rainha, cercada das suas escravas, tremeu deante daquella figura austera e grandiosa, e Ramsés franziu a testa, numa expressão de rancôr e de medo.

Pouco a pouco, pausadamente, Moysés dirigiu os seus passos até junto do throno, levando a seu lado seu irmão. Uma vez em frente, bem de perto, do poderoso Ramsés, o propheta começou accusando-o severamente, ameaçadoramente, das crueldades que infligia aos hebreus e ao nenhum direito que lhe cabia em conservar na escravidão tantas creaturas. Ramsés, irado, tomou do gladio com que castigaria aquelle ousado que se atrevia a vir injurial-o junto dos degrãos do seu throno. O filho de Ramsés, que a seu lado se sentava — uma creança de instinctos perversos — gritou contra o velho propheta que lhe causava terror:

— Poderoso Pharaó, meu pae! Este homem já nos atormentou com nove pragas. Mandae matal-o antes da decima!

Uma profunda tristeza encheu o olhar de Moysés que assim via despenhar-se no abysmo da perdição uma creança innocente. O filho do Pharaó juntou ás palavras á acção, e, descendo do seu pequeno throno, veio agredir com um chicote o corpo de Moysés, que ficou impassivel. Sem attender ás ameaças e aos castigos, a voz poderosa do propheta continuou castigando a tyrannia de Ramsés e ameaçando-o com o castigo divino. O rei, fóra de si, profundamente irado, manda que Moysés se ajoelhe perante a sua pessoa sagrada. O propheta, como se o enchesse de coragem o proprio Deus, desafia a morte nestas palavras sublimes:

— Só me ajoelho deante do Deus de Israel, que já castigou os egypcios com nove pragas porque vós não quereis dar a liberdade ao seu povo.

Foi uma indignação geral deante daquelle

ousado que assim se negava a obedecer e a respeitar o rei. Um ministro aconselhou:

— Estes israelitas estão ociosos e dizem que só se sacrificam pelo Deus de Israel. Portanto obrigue-os a fazer trabalhos mais pesados.

Nada parecia abrandar a colera e a indignação do Pharaó. Para que aquella figura sinistra que o aterrorisava lhe saísse deante dos seus olhos, mandou-o expulsar do palacio. Moysés voluntariamente se resolveu a retirar-se, tendo antes dirigido ao rei espantado esta ameaça terrivel:

— Eu vos advirto que se não deixares ir em paz os filhos de Israel, o Senhor meu Deus exterminará os primogenitos da terra do Egypto, desde o primogenito do Pharaó, que se senta em seu throno, até aos primogenitos dos captivos que estão no carcere.

Ramsés, julgando-se todo poderoso, não pode furtar-se a gargalhar deante desta ameaça, que julgava imbecil:

— Pensas tu que podes destruir o filho do Pharaó, cujas sandalias de ouro foram forjadas das corôas dos reis que eu derrotei?

E rindo de semelhante insanía, mandou que expulsassem definitivamente Moysés e Aarão dos seus palacios. O filho do Pharaó veio, ainda mais uma vez, saciar os seus instinctos, brandindo o chicote contra Moysés. No atrio do palacio, a figura sublime do propheta ergueu o braço ameaçador contra aquelle tyranno abstinado, que não queria ouvir a voz de Deus.

Ramsés que aparentemente rira das ameaças do propheta, mas que, no intimo, sentia um temor das suas terriveis palavras; e ainda para alegrar a rainha que ficára atemorizada, mandou que viessem os musicos e as bailadeiras, e a alegria dos bailados desfizesse aquellas nuvens de pesar e de preocupações. Vieram as bailadeiras mais sensuaes, mais flexuosas, que todo o Oriente possuia, e no curvado das suas danças mysteriosas alegraram o palacio do Pharaó. Terminada a festa, dir-se-ia que mais não se recordavam as palavras propheticas de Moysés.

Porém, passava já muito da meia noite quando todo o palacio se alvoroçou com o choro da rainha e das escravas. O primogenito do Pharaó morrera. Cumpria-se a prophecia. Nos braços de um official, o corpo inerte daquella perversa mas formosa creança, que era toda a esperança de seu pae, foi apresentado a Ramsés que nelle pegou, o

apertou contra o peito, querendo sentir-lhe ainda palpitante o coração

Começavam os primeiros raios do sol a dourar os cumes dos montes, quando Moysés de novo penetrou no palacio do Pharaó. O rei, ao vê-lo, tremeu. Que novas desgraças lhe viria vaticinar aquelle velho maldito. Moysés approximou-se e disse-lhe rosto a rosto, altivamente:

— Esta noite o Senhor exterminou todos os primogenitos do Egypto e condemnou os vossos deuses. Quereis agora deixar em paz os filhos de Israel?

Ramsés voltou-se violentamente para o propheta e gritou-lhe imperiosamente:

— “Sae do meio do meu povo, tanto tu como os filhos de Israel. Levae as vossas ovelhas e tudo o que quizerdes!”.

E voltou a debruçar-se, chorando, sobre o cadaver do filho. Depois, suspendendo-o nos seus braços tremulos, levou-o até ao altar de Isis e depositou alli o pequeno cadaver, dizendo:

— Deuses do Egypto! Mostrae que sois mais poderoso que o Deus de Israel, restituindo a vida ao corpo de meu filho!

E esperou anciosamente que o milagre se realisasse.

A essa hora, cumprindo as ordens dadas, os soldados de Ramsés expulsaram do Egypto todos os filhos de Israel. Chegára, enfim, o dia promettido por Deus. Creanças,

mulheres, velhos, toda a grei numerosa se deslocou em direcção á terra da Promissão. Ia ser longa a jornada, e dolorosa. Mas em todos os rostos se lia o prazer, a alegria, e as vozes alacres e crystallinas entoavam canções ao Divino Senhor, que assim posera fim ao doloroso captiveiro do seu povo. Moysés, sobre a base da esphinge do templo, erguia o seu cajado e ordenava a marcha do povo eleito. Myrian dava a todos o balsemo do seu sorriso, e não havia uma só daquellas milhares de creaturas que não sentisse uma infinita alegria no coração, indifferente á areia escaldante do deserto e ao sol que os queimava. Com os seus gados, os seus bens e os seus filhos, o povo eleito caminhava, finalmente, para a felicidade.

### III

Em frente ao cadaver de seu filho, pousado sobre o altar, longas horas esperava já Ramsés que o milagre se realisasse. Não era possivel que os deuses poderosos do Egypto, aos quaes levantara monumentos gigantescos e por quem tinha feito todos os sacrificios, se recusassem a defendel-o contra as iras do Deus de Israel e não restituissem a alma, a vida, ao seu filho adorado. Mas foram passando as horas e o milagre não se realisava. Ramsés tomou-se, então, dum terrivel furor. Tomando do martello de metal



*A viuva Martha Mac Tavish lia todas as noites pedaços do livro sagrado...*

bateu tres pancadas na enorme chapa de bronze, echoando o som temeroso por todos os recantos do palacio. Ondas de soldados correram ao seu chamado. Ramsés, arrancando o manto, gritou-lhes do alto da escadaria:

— “Ao toque dos cornetins, preparem todas as brigas romanas para irmos massacrar os filhos de Israel!”.

E voltando-se para o altar disse soluçando de raiva:

— “Meu filho! Vou vingar a tua morte. Os meus guerreiros massacrarão os israelitas”.

E foi um alvoroço enorme no palacio. Ouvia-se só o tilintar das armas, o vozerio da soldadesca, as lagrimas das mulheres. Trouxeram a Ramsés a armadura brilhante. Vêz-tiram-lh’a e armaram-no. Dentro em breve, em frente do palacio do Pharaó apresentaram-se seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egypto com os respectivos capitães. Era um exercito poderosissimo.

Entretanto, os hebreus iam proseguindo na sua marcha dolorosa atravez o deserto. Animados pela coragem que lhe emprestava a sua fé, as agruras que a viagem lhe fazia soffrer facilmente as alliviavam nas suas orações e no auxilio que uns ao outros prestavam. Myrian era o anjo bom do povo hebreu. Ajudando a caminhar um velho, mantendo a sêde a uma creança, erguendo o pesado fardo que uma pobre velha deixara cair, por onde ella passava era coberta de benções pelo bem que praticava. Era de vêr aquelle quadro soberbo de trajas de mil côres, de animaes de todas as castas, de tantos milhares de creaturas, caminhando sob o sol ardente.

Tinham já chegado os hebreus ás doces margens do Mar Vermelho, saciando a sêde e refrescando-se na sombra dos altos rochedos, quando um emissario lhes trouxe a nova terrível: o exercito de Pharaó vinha em sua perseguição.

Ramsés, montando a sua quadriga, erguendo a sua longa espada, dêra ordem de partida ao exercito. Milhares de soldados nas suas brilhantes armaduras, atirando impiedosamente os fogosos cavallos arabes, avançavam numa corrida vertiginosa através o longo deserto em busca dos pobres hebreus desarmados e inertes. A’ frente do aguerrido exercito, Ramsés seguia com os olhos

faiscando de raiva, a imagem do filho morto constantemente na sua memoria.

Quando o exercito ia a meio do caminho, a noticia chegou até aos israelitas. Foi um erguer tremendo de imprecações, de lagrimas, de desesperos. O temor apoderou-se dos filhos de Israel, ao verem que estavam sendo perseguidos pelo exercito de Pharaó. Os seus olhos, em que se lia um grande pavor, olhavam as altas nuvens de poeira, que lá ao longe, no deserto, a marcha dos carros levantava. Braços afflictos erguiam-se para Moysés e vozes lacrimosas imprecavam-no:

— Por que nos tiraste do Egypto para morremos neste deserto?

Moysés pediu-lhes calma e resignação. Subiu em seguida a um alto rochedo e olhou o céo infinito, onde o estava seguindo o olhar de Deus. Não, não era possível que o Senhor abandonasse o seu povo em transe tão doloroso. Não, não era possível que deixasse os seus filhos á mercê do exercito de um tyranno, que o maldizia e injuriava. E olhando o céo, sem delle tirar os olhos um instante, a figura do propheta parecia ter perdido o seu aspecto material e humano para se transformar em uma estatua arrancada á propria rocha em que assentava. Só as suas longas e alvas barbas ondulavam ao vento. Foi um instante de pavor e de ansiedade entre os hebreus que o olhavam espantados. Depois voltou-se para os que o rodeavam e pediu-lhes que confiassem no Senhor. E erguendo de novo os olhos ao céo, exclamou:

— Espanto e pavor cabirá sobre elles! Pela grandeza do teu braço emudecerão como pedra, até que o teu povo, ó Senhor, haja passado!

E apenas as ultimas palavras lhe tinham saído da bocca, que logo uma larga cortina de fogo desceu do céo, separando o exercito e os perseguidos. Logo, nesse soccorro assombroso, os hebreus viram a mão do Deus de Israel e o hemdisseram e louvaram. Ramsés e os seus soldados pararam espantados. Que significava aquillo? A perseguição tinha de continuar. Ramsés não abandonaria assim a sua ideia de vingança. Preciso era atravessar aquella cortina de fogo. Depois de alguma hesitação, foi elle o primeiro a dar o exemplo. Alguns soldados para alli ficaram inertes, mas a maior parte do exercito atravessou incolume a cortina de fogo. Era que o Senhor de Israel os

queria castigar com mais estupendo milagre.

Moysé continuava a affirmar ao seu povo alvoroçado que Deus o não abandonaria. O

em secco, com uma muralha de agua á direita e outra á esquerda. Para trás, descia o céu a cerrada cortina de fogo, que retivera uma parte do exercito pharaonico. Ramsés, en-



*O Phario estava soberbamente sentado no seu throno*

exercito do Pharaó atravessára a columna de fogo, mas o povo hebreu seria salvo. Então Moysés estendeu a mão sobre o mar e o Senhor apartou as aguas, abrindo um caminho transitavel. Moysés e os hebreus agradeceram a Deus o milagre sublime e, guiados pela figura admiravel do propheta, entraram na estrada de areia, limitada de um lado e outro lado por duas altas muralhas de agua revolta. E como alguns, de pouca fé, receassem tomar semelhante caminho Moysés disse:

— Passai sem medo, porque o Senhor nos acompanha.

#### IV

E os filhos de Israel entraram pelo mar

tre espantado e colerico, parecia louco de raiva, vendo o desanimo dominar os seus soldados. Ergueu a sua espada e gritou-lhes furioso:

— Não tenham medo do Deus de Israel! Sigam-me! Vamos exterminal-os!

Quando os hebreus já tocavam a outra margem do Mar Vermelho, o exercito chegava em tumulto a orla do mar. Aquella brecha aberta nas aguas, era acontecimento extranho e incomprehensivel para os seus olhos de herejes. Que seria aquillo? Algum novo estratagema daquelle invencivel povo hebreu? Mas pela larga abertura feita no mar os egypcios viam a multidão dos hebreus chegando á outra margem. Por que não correr pelo mesmo caminho por onde elles tinham seguido? E com as bigas os

destemidos cavalleiros egypcios perseguiram os filhos de Israel pelo mar em secco.

Quando os ultimos hebreus, que saiam do leito do mar, divisaram as tropas pharaonicas perseguindo-os, levantaram de novo uma grita ensurdecadora:

— Moysés, estamos perdidos! Os Egypcios vão matar-nos.

— Calae-vos! ordenou Moysés. O Senhor pelejará por vós! Com o seu poder, Elle guiou os Filhos de Israel, que chegaram são e salvos a esta margem!

E examinando a marcha violenta dos egypcios que se approximavam, olhou de novo o céo, erguendo para Deus os seus braços supplices. De repente, as duas muralhas de agua, que á direita e á esquerda limitavam a brecha aberta no leito do mar, desmoronaram-se fragorosamente e uniram as suas aguas revoltas. Ramsés e todo o seu exercito ficou sepultado nas aguas profundas, que pareciam agitarem-se mais violentamente do que nunca. Por muito tempo, guerreiros, carros e animaes andaram revolvidos na agua, até que tudo se precipitou no fundo do mar, sem se salvar um homem.

Os hebreus, que da outra margem olhavam espantados o espectáculo estupendo, ajoelharam-se e deram, com Moysés, graças ao Deus de Israel, que assim os salvára duma inevitavel morte. Moysés ergueu de novo os seus braços ao céo e proclamou em voz tonitroante:

— O Senhor é a minha força e o meu cantico; foi elle quem nos salvou!

Trez mezes depois, os Filhos de Israel acamparam perto do Monte Sinai. O povo levantou as suas tendas na planicie verdejante e Moysés, cumprindo os designios divinos, subiu ao mais alto do Monte, onde esteve durante quarenta dias e quarenta noites!

Isolado por completo dos seus companheiros, mais perto de Deus pela pureza e grandesa da sua alma, durante aquelle longo espaço de tempo o velho propheta esperou a voz do Senhor que lhe havia de ditar a lei. Do espaço infinito clarões divinos, raios de luz divina, desciam até Moysés, a quem o vento impetuoso das montanhas agitava as longas barbas e as amplas vestes.

Por fim, uma noite elle ouviu claramente

a voz de Deus. Relampagos formidaveis e formidaveis trovões illuminaram e echoaram na montanha. Moysés ouvia os trovões e via os relampagos convencendo-se de que a Gloria de Deus é mais poderosa de que o Fogo. Um raio forte, estupendo, aterrorizador desceu do céo e recortou na rocha a configuração das taboas da lei. Era ali que Deus lhe ordenava que gravasse, com a ponta do ferro, as determinações divinas que haviam de guiar os homens através os seculos.

E Moysés esperou, ancioso, palpitante de assombro, que a voz de Deus se revellasse.

Um facho de luz intensa surgiu do espaço infinito; aproximou-se; distendeu-se e abriu o seu clarão no meio das trevas.

E dizia: “Não terás outros Deuses senão eu”!

Rapido, Moysés pegou do ferreo escopo e gravou na taboa de marmore o primeiro mandamento. O clarão desapareceu, enchendo, de novo a montanha de trevas. Moysés aguardou, tremulo de commoção, que a voz de Deus de novo se revellasse.

Entretanto o povo que, na planicie fertil e calma, levava uma vida indolente, vendo que Moysés tardava em descer do monte, disse a Aarão: “Queremos deuses para adorar! Não é possivel continuarmos sem Alguem a quem agradeçamos o bem que estamos gosando”.

Em verdade, a fortuna, a felicidade, a fartura que após tantas probações, o povo hebreu estava usufruindo levára-o á indolencia, ao amor dos prazeres, ao esquecimento dos castigos do Senhor. Aarão, para satisfazer a solicitação dos hebreus, resolveu fundir todo o ouro que possuia a sua gente e fazer a estatua do Bezerra de Ouro, symbolo da vida de prazeres continuos que o povo hebreu estava levando. Dia e noite trabalharam na estatua, até que ella ficou concluida e collocada sobre um estrado. Então, á sua volta, dançaram, cantaram e beberam, entregando-se a todos os excessos da mais degradante sensualidade, em que o pudor desapareceu e a embriaguez dominou. Myrian, a doce Myrian, foi o idolo feminino da turba ignara. O seu corpo formoso, desnudado e sensual, prendia-se com extremos de prazer, ao corpo frio do Bezerra de Ouro, procurando transmittir-lhe o calor que lhe escaldava nas veias. Aqui e ali, a posse

de uma mulher, o excesso da bebida, o furto de uma joia, provocavam brigas, e o sangue em mais de um grupo corria já em borbotões. A bachanal chegára ao seu auge. Uma ou outra voz isolada, lamentava aquella queda moral, affirmando que se não deviam adorar idolos quando havia um Deus que livrava os homens dos perigos. Mas esquecer beneficios é proprio de todo o ser humano. Em vez de adorarem o Senhor seu

Deus, traduzida nos trovões temerosos, perpetrada nos ensinamentos luminosos que do alto desciam. E, seguidamente, em facho de luz divina, Deus ensinou e Moysés esculpiu nas taboas os preceitos fundamentaes da sua lei:

“Não tomarás o nome do Senhor Deus em vão!”

“O dia de domingo será santificado!”

“Honrarás pae e mãe!”



*Penetrou, allivamente, até junto do throno*

Deus, os filhos de Israel adoravam agora um tosco Bezerro de Ouro.

Entretanto, Moysés, no alto da montanha do Sinai, continuava escutando a voz de

“Não matarás!”

“Não commeterás adulterio!”

“Não furtarás!”

“Não levantarás falso testemunho!”

“Não cubiçarás os bens alheios!”

Estava concluída a sua missão. Gravados a ferro nas taboas todos os “Dez mandamentos”, Moysés facilmente despregou as taboas da rocha e, tomando-as com os seus braços potentes, desceu da montanha para o meio do seu povo.

## V

Um hebreu, que tinha no coração uma fé invencível, correu ao encontro de Moysés, que descia para o valle, trazendo ainda no olhar o fulgor da luz divina. Caiu-lhe aos pés e bradou, chorando:

— Vae, desce, porque o teu povo, que tiraste do Egypto, está-se corrompendo.

Ao chegar á base da montanha donde se avistava toda a planície, Moysés ficou atterrado.

O espectáculo era verdadeiramente contristador. Todos os hebreus ajoelharam ao Bezerra de Ouro, que os homens levavam em um throno, através a planície florida e a multidão reverente. Myrian, no seu corpo de deusa, esbelto e luxuriante na semi-nudez, attraía a consciencia daquelles homens, que a embriaguez tornára brutaes. Um dos captivos da sua formosura dizia-lhe, encorajando-lhe a impudicia:

— Tu vaes ser a rainha do povo que adora este idolo.

O vinho e o mel, que enchiam as taças, derramavam-se sobre as cabeças estonteadas e de toda a parte subia um alarido brutal de luxuria sem peias, que dominava, subjugava aquellas almas perdidas.

E Moysés via tudo isto atterrisado.

Myrian continuava nas suas expansões de desabrida concupiscencia, quando o homem, que a prendia nos braços, soltou um grito de horror:

— Olha para as tuas mãos! disse-lhe. E's agora uma leprosa! Causas nojo!

E horrorizada, tateando o corpo num mixto de espanto e de nausea, fugiu espavorida de junto de Myrian. A infeliz, á luz rubra dos archotes, a face pallida, o corpo tremendo, examinou as suas mãos outrora delicadas. A lepra, asquerosa e terrível, transformara-as por completo numa coisa hedionda, tremendamente repugnante. A infeliz caiu em soluços deante daquelle golpe do destino na sua estonteante formosura. E

sentiu um invencível horror de si mesma!

Entretanto a multidão, desconhecendo o drama pungente que atormentava aquella alma que até então fôra feliz, continuava na sua furia insatisfeita de prazeres volteando em torno do idolo impassível, monstro inerte, que elles adoravam como um Deus.

Moysés, com a alma sangrando de dor, supplicou ao Deus de Israel, dizendo-lhe: “Não levanteis o vosso furor contra o vosso povo, porque foi Aarão quem o despiu para vergonha dos nossos inimigos!”

Depois empreecou o povo pela sua loucura.

— Por que provocais a ira do Senhor que vos tirou do Egypto?

A aparição do propheta espalhou o terror entre aquelles loucos. Uns occultavam-se envergonhados, outros fugiram espavoridos. Moysés, tomado da divina colera, exclamou:

— Quem adora idolos de ouro não é digno de receber as taboas da lei de Deus!

Erguendo até á altura da sua cabeça as taboas que recebera no monte Sinai, arremessou-as contra o rochedos. E as taboas despedaçaram-se em mi estilhados de luz, semelhantes a estrellas.

O povo tomou-se, então, de um grande espanto, fugindo á colera de Moysés. Arrastando-se até aos seus pés, Myrian supplicava-lhe afflicta que a curasse:

— Curae-me! Eu vos imploro! Adorei idolos e fui marcada com o ferrete da lepra!

Mas da boca de Moysés apenas saiam tremendas palavras de castigo. Todos os filhos de Israel fugiram ao seu clamor e se prostravam por terra, cobrindo o rosto com as mãos. E Moysés imprecava Aarão:

— Com os teus idolos de ouro fizestes cair sobre o nosso povo a colera do Senhor!

E, como a secundar-lhe as palavras, do ceu desceu, impetuoso e terrível, uma raio que despedaçou o idolo.

Foi então um alvoroço indiscriptível. Uns rojaram-se pela terra, castigando o corpo para se redimirem da culpa; outros fugiam espavoridos, cuidando assim escapar á colera divina. Moysés, vendo aquelle desatino do povo eleito, supplicou ao Senhor que perdoasse ao seu povo, a quem o peccado desviára do caminho da salvação. Mas a colera divina parecia não querer aplacar-se e dos infinitos ceus continuava a desencadear-se a tormenta horrível que levava a

morte a toda a parte. Dos filhos de Israel morreram naquella dia uns tres mil homens!

\* \* \*

A viuva Martha Mac Tavish, fechando lentamente o livro sagrado, concluiu a descrição da historia admiravel da dadiva de Deus aos homens dos seus doze preceitos. John ficou pensativo. Daniel soltou um suspiro de alivio. E mostrando as solas descoladas das suas botas, declarou pretenciosamente:

— “O certo é que nenhum dos Dez Mandamentos me ensina a arranjar dinheiro para poder mandar pôr umas solas novas nestas botas velhas!”

A pobre senhora soffria enormemente com aquella descrença do filho. Suppondo por um termo ás suas desatinadas palavras, observou-lhe com certo asedume:

— Daniel! Se tu pensas nas tuas botas quando eu falo em Deus, terás algum dia um castigo igual aos dos Filhos de Israel!

— Minha mãe! respondeu Daniel em ar de troça. Eu só adoro o Deus Dinheiro, o Deus Baccho e a Deusa Venus!”

Taes blasphemias levaram a velha senhora ao auge da indignação. Voltou as costas ao filho e retirou-se para o interior da casa. Daniel continuou com as suas ideias liberrimas enquanto conversava com

o irmão. Dependurou em um movel a sua corrente de relógio, que tinha um dollar em ouro. Poz-lhe em frente um cigarro acceso em ar de vela, e em seguida de mãos postas, fingiu que resava, dizendo:

— Linda aguia de ouro! Produz muitas aguiazinhas e faz com que todas voem para o bolso deste teu admirador!

John, antes que a mãe visse aquelle despropósito, desfez o improvisado altar:

— Daniel não te rias do poder de Deus! Os Dez Mandamentos ficaram impressos no meu coração.

— Ora, John! Tu bem sabes que os tempos de hoje são outros. Neste mundo nada é estavel nem permanente. Eu, pelo menos, tenho grande amor pelas coisas de arte, de emoção e de belleza. Os Dez Mandamentos não me insinam a obter estas coisas e portanto podem ir para o...

Uma blasphemia ia sair da boca de Daniel que John tapou energicamente com a mão. Comtudo, a mãe vinha já perto e compreendeu a intenção de Daniel. Foi para elle com energia, dizendo-lhe:

— Daniel! Se blasphemares contra Deus, expulsar-te-h-e-i desta casa!



*Moyés rogou de novo ao Senhor que salvasse o seu povo...*

— Minha mãe! Não faça da religião um chicote. A si eu posso pedir-lhe perdão, mas a Deus não, porque acho que elle nunca devia ter expulso do Paraiso a formosa e tentadora Eva.

Aquella brincadeira excedia todas as medidas como attentado ás crenças respeitaveis de sua mãe.

A Sra. Martha Mac Tavish indicou ao filho a porta da rua. Daniel hesitou, talvez arrependido; mas por fim saiu, não obstante o temporal que lá fóra fazia.

A mãe ficou triste e pensativa. John acarinhou-a e procurou tirar-lhe do coração as preocupações que lá deixava a descrença de Daniel.

## VI

Pela rua ia uma ventania impetuosa, e uma chuva intensa. Daniel indifferente á inclemencia do tempo, foi encaminhando-se para a carroça-restaurante do velho Dugan, a fim de se agasalhar e palestrar com os amigos. Era uma especie de restaurante ambulante, um amplo vagão, onde se serviam comidas modestas a pobres creaturas sem recursos. Ali fóra pousar o descrente moço após a scena na casa materna.

Ao entrar no vagão restaurante deparou-se encostada á porta uma pobre rapariga, com um cãosinho no collo, e com as roupas completamente coladas ao corpo pela chuva. Nos seus olhos, na sua face pallida, liam-se perfeitamente as desditas da vida. A infeliz ha muito que não se alimentava. E se o trabalho e a honra são esteios da virtude, quando a gente está com fome o nosso coração deixa de ser um sacrario. Assim aconteceu que Mary Leigh — assim se chamava a infeliz — atormentada pela fome, como visse sobre a janella da carroça um pão com linguiça, ao alcance da sua mão, pegou nelle furtivamente e fugiu. O pão era de Daniel, que vendo aquella mão mysteriosa arrebatá-lh'o, se debruçou na janella e viu ainda Mary fugindo:

— Menina! venha cá! Leve o resto!

E, de repente, veio-lhe um grande desejo de saber o que era aquillo, aquella pequena roubando um pão e fugindo. Saiu da carroça, mesmo com chuva, e correu atrás della. Mary, sentindo-se perseguida, redobrou de velocidade na corrida. Dentro em pouco, já não era só Daniel que a perseguia, mas um

numerozo grupo de pessoas, que vendo a corrida de Daniel, se lhe juntavam correndo tambem. Ninguem sabia, ao certo, de que se tratava, mas iam correndo sempre, atrás daquella rapariga com um cachorro no collo.

— Que foi? perguntou um que corria tambem.

— Não sei bem, respondia outro. Parece que assassinaram uma pessoa no restaurante do Dugan.

Por fim a correria cessou. Daniel perdeu Mary de vista, e quando elle parou todos pararam. Foi uma desillusão e uma arrelia para tantos curiosos da turba. Mary, occultando-se ao voltarem uma esquina, conseguiu que elles passassem adeante. Offegante da correria, comeu como pode, o pão com linguiça. Mas os seus perseguidores poderiam voltar e ella tinha de procurar um logar mais seguro. Em frente dos seus olhos, numa pequena porta, estava este letreiro: "John Mac Tavish, carpinteiro. Queira entrar".

Com tão amavel convite não havia hesitação. Entrou. John, em presença daquella pobre rapariga, tiritando de frio, com o seu cãosinho agarrado ao collo, sentiu-se apiedar-e perguntou-lhe o que queria. Mary, vendo nos olhos de John uma tendencia sincera de ser bom, confessou:

— Desde honçem que não comia nada. Quando passei pelo restaurante do velho Dugan não pude resistir á tentação e furtei um pão com linguiça. Refugiei-me aqui porque vinham em minha perseguição. Mas eu vou-me embora, desculpe.

E preparava-se para sair. John não o permitiu. Aquella pobre pequena, que era formosa, confessando com tanta simplicidade o seu pequeno crime, devia por força ter bons sentimentos. Levou-a para o interior da casa e chamou sua mãe, dizendo-lhe:

— Esta pobre moça está lutando com coragem contra as adversidades da sorte. Minha mãe, convide-a para jantar comnosco.

De seu natural caritativo, a Sra. Martha Mac Tavish promptamente accedeu ao desejo do filho. Agasalhou Mary, fez-lhe enxugar os vestidos, foi para ella extremamente carinhosa. Era a hora de jantar. A hospede, segundo o velho preceito evangelico, tinha o seu logar á mesa.

Quasi á hora de jantar, Daniel entrou de novo em casa para levar um capote de agasalho, de que se esquecera, e que lhe estava fazendo falta. Vendo entrar, John não se

conteve que não lhe dissesse, para lhe despertar a curiosidade:

— Daniel, antes de te mudares daqui, vou-te mostrar o que o vento da tempestade trouxe para esta casa.

doasse as suas ousadas palavras de ha pouco. A bondosa creatura, que não desejava outra coisa, acarinhou o filho. Sentaram-se os quatro á mesa de jantar. Fizeram-se as orações do costume e a voz da Sra. Martha Mac



*E Ramsés partiu em perseguição dos hebreus*

Como a justificar-lhe as palavras, entrou na sala Mary envergando um pesado casaco de John, enquanto os seus vestidos enrugavam no fogão. Daniel abriu desmesuradamente os olhos, espantado. Donde caíra aquelle anjo. Já não tinha mais vontade de partir, apesar de lá fóra, á chuva, ter um amigo esperando-o. John, querendo aproveitar a occasião para conciliar a mãe e o filho, pediu baixo a Daniel:

— Daniel, pede perdão a mamãe.

Esses gestos de submissão repugnavam ao feitio de Daniel. John insistiu. Daniel, vencendo o seu orgulho aproximou-se de sua mãe e acarinhou-a, pedindo-lhe que lhe per-

Tavish levantou graças a Deus, pedindo-lhe a sua protecção e benção para a hospede do momento, para que a livrasse de todos os males e tentações deste mundo. Daniel, incorrigível, enquanto a mãe rezava, ia examinando, de olhos baixos, a hospede gentil. E o certo é que ella fazia o mesmo, e os seus dois olhares encontraram-se e elles sorriram um para o outro.

Passaram-se alguns dias. Fez-se entre aquellas creaturas uma carinhosa intimidade. A Sra. Martha Mac Tavish começou a considerar Mary como se fosse sua filha. E parecia reinar, ao lado de uma paz inalteravel, mais alegria naquelle modesto lar. Da-



— Quem adora os ídolos do ouro não é digno de receber os Mandamentos de Deus!

niel e John mostravam-se prodigos de atenções com Mary. Ella, porém, moça como era, adaptava-se mais ao feitio folgazão de Daniel. John inspirava-lhe amizade e respeito. Com Daniel ella dansava e brincava. Com John conservava-se silenciosa e atenta.

Entretanto no coração de John começou a tomar corpo um grande sonho: fazer de Mary sua mulher. Era num domingo alegre e formoso. John chegou a casa quando ao som do gramophone Daniel e Mary dansavam.

Durante algum tempo, elle os esteve a olhar, conservando na mão um ramo de flor de laranjeira e um pequeno embrulho. Tirou um papel da algibeira, que dizia: "Este annel pôde ser comprado á prestação de 2 dollares por semana". Por fim, como que enchendo-se de coragem, chamou Mary da porta da sala. Mary correu pressurosa ao seu encontro.

## VII

Ao vel-o de ramo de flores de laranjeira na mão, não se conteve Mary que não gracejasse com elle:

— Bravo, John! Ramo de flor de laranjeira quer dizer... casamento.

John, não obstante a bella disposição de Mary, não teve coragem de lhe confessar o que sentia. Extraordinariamente timido para estas coisas de amor, occultou a sua confusão dizendo estas phrases indirectas:

— Mary! Um homem que não tem coragem de dizer o que sente, quer-te offerecer estas flores.

Mary sentiu-se commover. Olhou para Daniel, que, irritado com aquelle chamado intempestivo de John, não occultava a sua contrariedade. Mary tomou aquella attitude de Daniel como timidez, porque se convencera que era a elle que John se referia e delle vinham as flores de aranjeira. John, não comprehendendo a confusão que lavrava no espirito de Mary, continuou a defender a causa do seu coração por aquelle processo indirecto e dubio.

— Mary! Elle ama-te e quer casar contigo, mas não sabe se tu gostas delle.

E Mary, olhando Daniel que continuava a disfarçar o seu desespero, disse com enthusiasmo:

— Eu tambem... gosto muito delle.

John, no seu engano ingenuo, infantil, encorajou-se com aquella declaração e offereceu-lhe o modesto annel que adquirira para ella. Mary sentiu-se emocionada, mas, de repente, não se pode furtar a estranhar o procedimento tão esquisito de Daniel:

— Por que foi que Daniel não quiz, elle mesmo, entregar-me este annel?

— Daniel?!

— Sim. Se elle realmente me tem amor, porque não tem tambem a coragem precisa para me fazer entrega deste penhor dos seus sentimentos?...

John não respondeu. Só então teve a impressão clara do erro em que estava. Mary amava Daniel, e fôra elle mesmo que, com a sua timidez, se encarregara de pôr a claro essa paixão. Tentar voltar atraz seria perigoso. Demais, John era muito cioso da sua dignidade para se sujeitar ao ridiculo de uma derrota. Sentiu uma dor enorme no seu coração, mas, fazendo das fraquezas forças, sorriu tristemente e chamou Daniel, que veio pressuroso e alegre:

— Daniel, eu disse a Mary que és timido demais e não te sentias com animo para lhe dares este annel... Mas não quer que eu sirva de intermediario.

Daniel ficou radiante. De ha muito que elle anciava por confessar aquelle amor, que uniria duas almas tão eguaes no seu temperamento. John sorriu áquelle amor que se expandia tão exuberantemente com o entusiasmo de Daniel, que sem reflectir sobre o procedimento original do irmão, mettu o annel no dedo de Mary e a beijou apaixonadamente.

Em seguida, Daniel e Mary, sem mais se importarem com John, correram alegremente para a officina de carpinteiro, onde havia um gramophone, e pondo-o a funcionar com um alegre fox-trot, dansaram ao som daquella musica, ternamente enlaçados.

Na sala de jantar, a Sra. Martha Mac Tavish lia a sua Biblia. Era um domingo e ella cumpria rigorosamente o preceito evangelico. Ao ouvir o gramophone, suspendeu a leitura, indignada. Durante algum tempo esperou que a musica parasse. Como não parecia ter fim o desrespeitoso divertimento, levantou-se com a sua Biblia na mão e encaminhou-se para a officina. Quando ali penetrava, Daniel e Mary beijavam-se apaixonadamente. Subiu de ponto a indignação da piedosa senhora. Sem dizer palavra, apre-

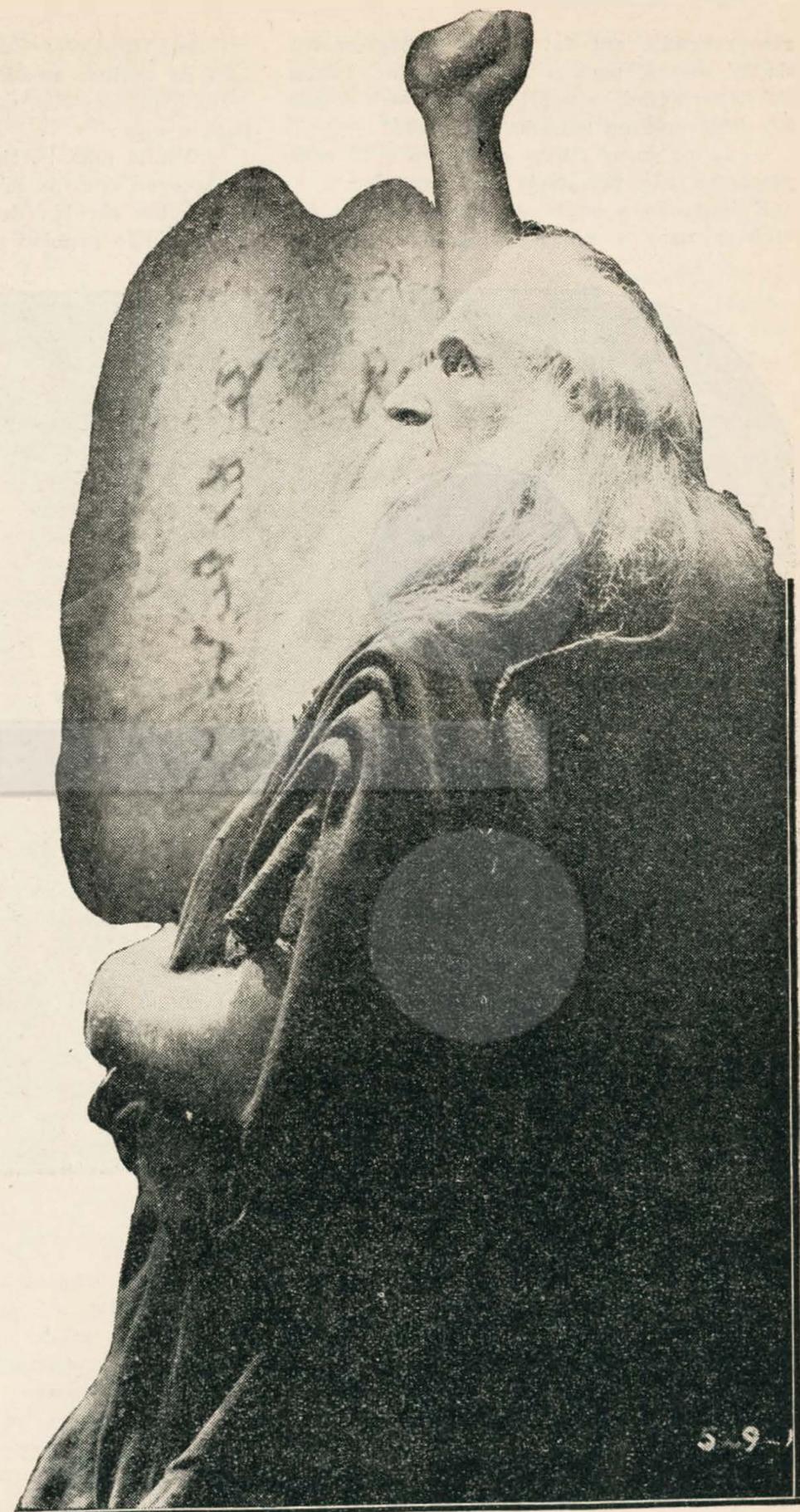
ximou-se-lhee e a-brindo a Biblia, apontou-lhes o versiculo que dizia: "O dia de domingo será santificado. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão". Depois, cheia de colera, censurou o procedimento do seu filho que assim continuava a desrespeitar os mandamentos divinos. Mary quasi chorava.

— Sra. Mac Tavish não censure o seu filho Daniel. A culpa foi minha. Eu é que o convidei para dansar.

A indignação voltou-se, então, contra Mary, que a soffreu resignada. A Sra. Mac Tavish foi até ao gramophone, tirou a chapa e leu o distico: "Não gosto de tristezas aos domingos". Em seguida, com o olhar fuzilando de rancor, bateu a chapa na beira da mesa, partindo-a em mil pedaços. Daniel recebeu aquelle gesto como uma affronta, sobretudo á mulher amada. John, que nesse momento entrava, quiz acalmar um pouco a colera materna:

— Minha mãe! A Biblia não prohibe diversões aos domingos.

A intervenção do unico filho que a



*Moysés gravava na rocha Os Dez Mandamentos*

comprehendia em favor dos transgressores da lei divina, mais a irritou ainda. Pegou do livro sagrado e apertando-o contra o peito, declarou com extrema seriedade:

— Se os meus filhos perderam a fé religiosa, eu não fico mais nesta casa!

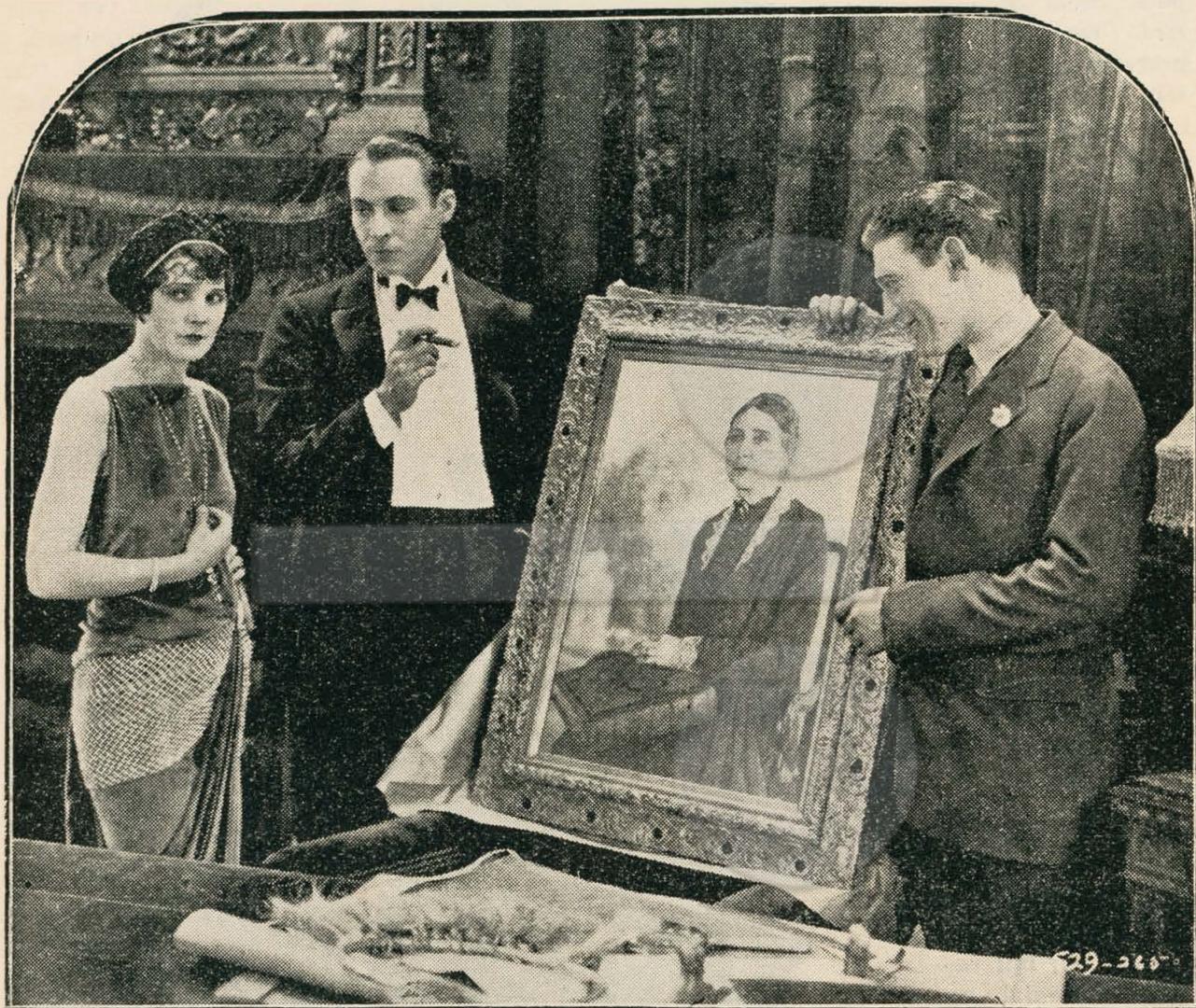
E juntando a acção ás palavras, ia a dirigir-se para a porta, evidentemente para

Daniel interveio immediatamente em defesa da mulher amada.

Impediu que ella saísse e disse revoltado para a mãe:

— Minha mãe ! Acha que está procedendo de accordo com as leis de Deus, expulsando esta pobre menina desta casa?

— Eu não expulso ninguém. Mas tambem



— Onde vamos collocar este retrato?

procurar outra casa que não fosse a dos filhos, mas John segurou-a nos seus braços carinhosos e procurou dissuadi-la de semelhante loucura. Mary, com as lagrimas nos olhos, vendo-se a causa daquelles desgostos, tomou, por sua vez, uma resolução extrema, dizendo:

— Sra. Mac Tavish, eu não quero perturbar a paz da sua casa. A mim é que compete ir embora.

ninguém me obrigará a viver com quem não tem religião!

— Socegue, minha senhora; eu irei!

Daniel, tomando-lhe o braço, voltou-se para a mãe, dizendo.

— Mary, tu vaes, mas não vaes só. Eu vou contigo e iremos immediatamente para casa do Juiz dos Casamentos. Depois de casados poderemos dansar aos domingos livremente!

John abanava a cabeça com tristeza deante daquella insensatez do irmão. A Sra. Mac Tavish abria uns olhos enormes para o filho, quasi o suppondo louco.

— Mary vae casar commigo immediatamente. Mandamentos e decretos não melhoram a minha sorte. Os do céu servem só para dar esmolas; os da terra para pagar impostos. Vamos, vamos, Mary. Vamos em busca da felicidade! !

E era tanto o entusiasmo, que o transmittiu a Mary em abraços e beijos. Depois, voltando-se para o irmão, que assistia aquella scena com um sorriso resignado, disse-lhe:

— John és um rapaz extraordinario. Se algum dia te apaixonares, não te esqueças de mim no dia do teu casamento. Só quem sabe viver é que poderá ser feliz neste mundo. Ainda hei de ser rico e poderoso sem ligar importancia alguma aos Dez Mandamentos!

Em seguida beijou a mãe, abraçou o irmão e tomou o braço de Mary, que antes pedira á Sra. Mac Tavish que a abençoasse. Daniel bateu ainda no braço do irmão. ao sair, dizendo-lhe:

— Um pobre carpinteiro como tu não pode existir sem ler os Mandamentos da Lei de Deus antes de dormir.

E saíram, Daniel e Mary, contentes, a caminho do que elles consideravam a sua felicidade. Mary, ao partir, atirou a John com um pequeno ramo de flores, que o infeliz guardou religiosamente.

A Sra. Martha Mac Tavish limpou as lagrimas que aquelle ingrato lhe provocava



*Sally era uma mulher fascinante*

com as suas loucuras. John, triste, disse como para consigo:

— Sim. Neste mundo nunca passarei... de um carpinteiro!!

— A mãe, sobressaltada com a tristeza do seu filho, predilecto, tentou consolal-o:

— John! Muitos homens notaveis foram carpinteiros. Daniel acaba de esquecer um mandamento de Deus, que manda respeitar pae e mãe! Deus não o castigue.

### VIII

Tres annos passaram depois daquelles dolorosos acontecimentos. Na casa Mac Tavish havia um pouco mais de fartura e de bem estar, mas nada que quebrasse aquella paz e tranquillidade e ainda o profundo amor que ligava aquella mãe e aquelle filho. Daniel, esse, uma vez casado com Mary, impulsionado pelo amor da gentil pequena, atirou-se á luta pela vida, conseguindo dentro em pouco realisar uma pequena fortuna, que ainda assim não satisfazia as suas ambições. De negocio em negocio, nem todos muito licitos, foi ganhando nomeada de engenheiro habil, e dentro em pouca a fortuna sorria-lhe e elle começava a viver a vida de luxo e de prazeres, que foi sempre o seu grande sonho. Mary fôra a companheiro ideal para este homem ambicioso. Entretanto, é justo dizer que o character revelára qualidades de superioridade moral que nem sempre estavam de accordo com os principios de Daniel.

Durante aquelles tres annos, as relações entre a mãe e o filho foram muito escasas. A Sra. Mac Tavish não tinha nenhum prazer em ser testemunha da vida daquelle filho revoltado contra ella e contra Deus. Daniel era pouco inclinado a sentimentalidades. De sua mãe tinha noticias por John, uma ou outra vez.

Agora, porém, Daniel achava-se a braços com uma tarefa que enchia de alegria o coração materno: a construcção de uma cathedral monumental, dum templo consagrado a Deus! O que a pobre senhora não sabia era que a paixão de enriquecer sem cessar lhe tinha deprimido a alma. Não se importava



*John pôde ainda deitar-lhe a mão*

de sacrificar a vida alheia, contanto que dahi lhe resultasse beneficio para as suas algibeiras.

Era o que estava acontecendo com a construcção da cathedral. Servido por um fiscal que o excedia na audacia das trampolinices, esse homem nefasto era o seu confidente, o seu homem de acção.

— Desta vez — dizia-lhe Daniel, a mistura da argamassa será de uma parte de cimento para doze de areia. Com um fiscal intelligente como tu, poderemos ganhar outra fortuna.

Era no seu luminoso salão, onde havia requintes de commodidade, que estas coisas

dizia Daniel ao seu fiscal. Entre fumaradas de caros charutos, os dois homens concertaram as condições deste verdadeiro crime, qual era a construção dum templo de maneira a tornar imminente a sua queda. Morreria talvez muita gente? Talvez. Mas que lhes importaria se o dinheiro, concluído o templo, lhes encheria as algibeiras e os fartaria de prazeres?

Quando Daniel e o fiscal combinavam as bases desta nova falcatrua, entrou no escritorio John, sobraçando um grande embrulho. Mary veio ao seu encontro. Mudára muito, a gentil pequena, nestes tres annos decorridos. Perdera o ar infantil que tinha e ganhára em elegancia e moderação nos habitos e ideias. Era, em todo o sentido do termo, uma excellente esposa; mas era também uma mulher formosa, que se vestia com aprumo e gosto. Ninguem diria, emfim, que aquella distincta senhora era a creaturinha famelica que um dia John agasalhara nos seus braços com o vestido collado aos ossos pela chuva.

John continuava a adoral-a. Respeitando-a sim, mas mantendo sempre no sacrario do seu coração aquella imagem querida. Mary, por sua vez, comprehendendo melhor agora a differença que existia na alma daquelles dois irmãos; reconhecendo a grandesa de coração daquelle ingenuo e carinhoso moço, que se sacrificara pelo irmão, deixando que elle levasse a mulher que elle amava; recebia sempre John com extrema alegria, com verdadeira amisade, em que havia muito entusiasmo, embora não houvesse a mais leve mancha de desejo. Ria, ria muito com elle e sentia-se bem a seu lado.

Naquelle dia dissera-lhe, pondo-lhe uma flôr na lapella:

— John! Parece inerivel que em tres annos ainda não tenhas encontrado uma esposa. Esta flôr vae dar-te felicidade.

E com as suas brancas e delicadas mãos, collocou na lapella do casaco de John a pequenina flor, que elle recebeu com o mais precioso dos presentes. Em seguida entraram no gabinete de trabalho de Daniel, que conversava ainda com o fiscal. Ao vir entrar John, Daniel teve uma subita ideia que transmittiu immediatamente ao seu cumplice na tratantada:

— Faremos de meu irmão o chefe dos carpinteiros da obra. Como a mulher de Cesar, elle está acima de qualquer suspeita.

O fiscal concordou. Era uma bella ideia. Em todo o caso achou que Daniel devia ter cuidado, porque o negocio era perigoso.

Daniel recebeu o irmão com alegria, mas com um certo ar de vaidade e de orgulho, suppondo-se-lhe superior porque estava rico e feliz. Aquellas attitudes deixavam John indifferente. Nem siquer, bondoso como era, nellas reparava. Apresentou o embrulho que trazia, com verdadeiro prazer, como quem vinha dar áquellas creaturas do seu coração uma grande alegria:

— Daniel, mamãe manda-te aqui o retrato della.

E desembrulhando-o, patenteou aos olhos de Mary e de Daniel o grande retrato da Sra. Martha Mac Tavish, segurando sempre o seu livro querido, a sua Biblia. O retrato não honrava nada o artista que o fizera; podia mesmo affirmar-se que era mau. Mas a intenção da offerta bastaria a alegrar Daniel, se elle não tivesse os bons sentimentos de alma abafados pelo egoismo. O retrato daquella carinhosa mãe foi recebido com mal disfarçados risos de môfa, que felizmente John não comprehendeu.

— A mamãe ficou muito satisfeita — disse John a Daniel — quando soube que tu tinhas fechado contrato para a construção da egreja.

E John passou a examinar, interessado, o projecto do grandioso templo, que se encontrava, feito em pasta, sobre a mesa de trabalho de Daniel. Era uma maravilha. Daniel, propoz então a John ser elle o chefe dos serviços de carpintaria.

— John, tu vaes ser o chefe dos carpinteiros desta minha nova empreitada.

A noticia parecia não alegrar muito o honrado rapaz. Pegou dum arco de vime, que tinha pendente uma amostra de juta, e começou a examinal-o. A testa vincou-se-lhe fortemente. Evidentemente alguma coisa o preocupava. E essa preocupação provocou-lhe as seguintes palavras:

— Daniel, disseram-me que passaste um grande contrabando de juta para ser misturada com a argamassa das tuas construções?

Daniel, num rapido momento, estremeceu com aquella pergunta de John. Mas depressa

readquiriu sangue frio, rindo das preocupações do irmão. Fez a apologia da força, da coragem, da temeridade nos negócios. John precisava ser assim também. No fim da luta esperava-o a aureolada gloria. E collocou-lhe ao alto da cabeça, de brincadeira, a roda de vime, em forma de aureola. John tomou-lhe das mãos a roda, torceu-a em duas, de forma a formar dois pequenos arcos e mettendo dentro delles as mãos de Daniel, observou:

— Daniel, essa aureola também pode servir de algemas.

Uma primeira impressão desagradavel lhe produziram estas palavras do irmão, impressão que se desvaneceu logo com os seus desmedidos sonhos de grandeza. Instado mais uma vez pelo irmão, John resolveu assignar o contrato que Daniel lhe offerencia. Mary veio, com o seu sorriso, alegrar o ambiente. John, com os extremos de carinho de sempre, não se constrangia deante de Daniel, que sentia o acicate do ciúme a morder-lhe o coração. Com um ar ironico na voz, voltou-se para John e observou:

— Já que tomas tanto a serio os Dez Mandamentos porque esqueces aquelle que prohibe cobiçar a mulher alheia?

John não gostou da observação. Respondeu com lealdade ao irmão.

— Daniel, eu amo Mary, mas nunca esquecerei que ella é tua esposa e espero também que tu não esqueças os teus deveres para com ella.

Assignado o contrato, John retirou-se.

## IX

Daniel, realmente, tinha passado na Alfandega um contrabando de juta. Desgraçadamente para elle, o "imposto" que essa audacia lhe ia exigir era pesado. Os fardos de juta tinham vindo da ilha de Molokai, onde só vivem leprosos. Daniel, desconhecendo essa terrivel circumstancia, estava na imminencia da maior das desgraças.

Oito mezes passados, ia a construcção da cathedral em pleno desenvolvimento. As suas altas paredes desafiavam o ceo. Daniel, senhor de grandes lucros, estendia o campo das suas loucuras, entre as quaes estava occupando um dos primeiros logares a senhorita Sally Lung, que era, neste momento, a sua maxima preocupação. O fiscal, sempre arguço e vendo longe já o avisára:

— Daniel, toma cuidado! Esta mulher é metade chinesa e metade franceza. A mistura é fascinante e perigosa.

Daniel riu-se das criancices do fiscal. Um empregado annunciára a visita da perigosa creatura, que Daniel mandou entrar immediatamente. O fiscal, como não tinha mais nada a fazer ali, retirou-se. No gabinete ficaram apenas Daniel e Sally.

Sally Lung era uma mulher fascinante, na verdade. Os seus grandes olhos avelludados e negros: a sua bocca sensual; o seu porte; a sua elegancia; a maneira como ella penetrava, com o olhar, na alma das creaturas, dominando-as; tornavam-na, na realidade, uma mulher perigosa. Quem era? Donde viera? Ninguem sabia. Aparecera um dia a Daniel sob um pretexto qualquer, e dentro em pouco o vaidoso architecto estava-lhe nas garras de leão do amor.

Naquelle dia, Daniel esperava anciosamente Sally. Tinha um raro presente para lhe dar: um precioso collar de perolas. Sally entrou. Enlaçou-o nos seus braços tentadores, tomou-lhe o cigarro que elle tinha na bocca e fumou. Fez tudo quanto a sua seducção lhe suggeria para ter bem preso aquelle homem, que era para ella um rio de ouro.

— Em nossa casa preparei uma bebida destilada de cem flores de lotus. Bebel-a-hemos esta noite, meu amor.

E Daniel sentia que aquelles braços, como serpente, cada vez mais o prendiam, fazendo-o esquecer de tudo.

Quando esta scena de licenciosidade se desenrolava no gabinete daquelle homem que estava construindo um templo a Deus, um automovel parou á porta do escriptorio e delle desceu Mary, que no seu carro trazia uma pequena maleta com que entrou no escriptorio. O empregado que ali se encontrava ficou verdadeiramente perplexo.

— Queira dizer a meu marido que eu trago aqui o almoço d'elle.

O empregado, collocando-se deante da porta do gabinete, para que ella não entrasse, respondeu muito nervoso:

— Sinto muito informal-a que o Sr. Mac Tavish foi almoçar com alguns amigos.

Mary desconfiou da attitude atrapalhada do empregado. O pobre diabo suava de afflicção. De repente, um objecto que estava no chão attraiu o olhar de Mary. Era uma elegante luva que Sally deixara cair. Um sorriso triste vincou os labios de Mary. Mais

uma desillusão. Não era a primeira. Deu de costas ao empregado e saiu. Quando ia a entrar de novo no seu automovel, ouviu uma voz que a chamava lá do alto. Era John que a saudava do cimo das obras da cathedral. Mary correspondeu alegremente á saudação e resolveu ir até lá acima, levando para John o almoço que ella destinava a Daniel. Dirigiu-se immediata-

para lhe offerecer um bom almoço e aqui... estou mais perto do ceu.

E dispozeram-se os dois a almoçar naquella altura, o que seria para ella um almoço bem original. Quando, por um acaso, ella olhou para a rua, viu Daniel acompanhar Sally até ao automovel e despediu-se della, beijando-a. Sentiu-se como que desfallecer. Era um golpe profundo. Mas,



— *O que tu queres é que eu fique pobre para me roubares o coração de Mary*

mente para a escadaria das obras, mas os empregados não lhe permittiram a entrada. John dizia-lhe, embora ella não o escutasse:

— Não suba! Eu estou no decimo oitavo andar e está fazendo muito vento!

Mas Mary era teimosa e, além de tudo, precisava encontrar-se com a alma sã de John para esquecer o desgosto que minutos antes recebera. Declarou a sua identidade e tomou lugar no elevador das obras, que subiu rapido até ao mais alto. O vento era, naquelle ponto, violentissimo. Mary sentia como que uma rajada a impellia para destino ignorado, para longe da miseria da terra. Pocos segundos passados, ella encontrava-se no decimo oitavo andar, ao lado de John, que lhe disse a sorrir:

— Mary, tu queres que eu morra de uma syncope cardiaca.

— Não me maude descer porque eu subi

corajosa como sempre fôra sorriu e sentou-se a almoçar na companhia de John.

Foram alguns minutos de tranquillidade. Conversaram de tudo, e sobretudo de Daniel. E Mary, falando de seu marido, teve esta phrase, que deixou John pensativo:

— Dos Dez Mandamentos, Daniel só respeitou um... Ainda não matou ninguem.

Concluido o almoço, dispunha-se Mary a descer. De pé, na beira dum friso do ornato admirava a obra colossal da cathedral que ia erguendo para o céo as suas columnas, quando a argamassa lhe faltou debaixo dos pés, desfazendo-se como poeira. Foi um rapido momento de pavor. John pôde ainda deitar-lhe a mão e suspender-se, com Mary nos braços, duma grossa trave. Não fosse esse movimento rapido, esse sangue frio heroico de John, e Mary ter-se-ia despedaçado, caindo da enorme altura em

que estava, no pavimento da igreja. Seguindo-se a custo, procurando saltar para lugar firme, John fez esforços herculeos, apertando nos seus braços o corpo desfalecido da adorada Mary, cuja belleza, elle, tremendo, admirava silencioso. Depois de alguns esforços de John, Mary recuperou os sentidos. Os seus olhos espantados pousaram nos de John. Pouco a pouco veio-lhe a consciencia do perigo que correra. Com um sorriso triste observou ao cunhado:

— John, teria sido menos perigoso... deixar-me cair.

— Não. Preferiria que fosse eu quem morresse. E' preciso que partas. Este lugar é pouco seguro para uma senhora.

E insistindo para que se fosse, John acompanhou-a até á saída da cathedral. Pouco antes tinha chegado ás obras o fiscal confiante de Daniel. O homenzinho, vendo Mary com John naquellas alturas, teve um sorriso ironico. John, a quem naquelle momento outra coisa não preocupava que não fôra o que acontecera a Mary, não reparou nesse sorriso maldoso. Apanhou um pouco de argamassa e esfarelou-a facilmente entre os dedos. Depois, voltando-se para o fiscal, observou:

— Richard, se o resto do concreto é igual a este, as obras desta igreja vão parar immediatamente.

— Minha senhora, — disse Richard a Mary que ia saindo — o seu cunhado perdeu a cabeça. Por favor, mande chamar seu marido.

E sorria ao pronunciar esta insonsa gracinha, que não fez rir ninguem. Mary partiu definitivamente. Apenas ella saiu, o fiscal Richard continuou conversando com John procurando convence-lo a deixar que as obras da cathedral proseguissem nas mesmas condições. John ouvia-o em silencio, com um profundo rancor dentro do coração. Richard, tomando aquelle silencio por uma acquiescencia, puxou de um grosso masso de notas de banco e offereceu-o a John para acabar de lhe conquistar a boa vontade. Um murro forte, um murro bem puxado, atirou com Richard ao meio do chão, fazendo-o quasi perder os sentidos. Uma chuva de notas caiu sobre os andares inferiores. Os operarios, na ancia de as agarrarem, quasi se iam despenhando da altura em que se encontravam. Uns segundos depois, Richard levantava-se e apalpava

a cara machucada e contava o dinheiro, dizendo muito atrapalhado:

— Ora esta!... ora esta!...

## X

A's vezes a destruição de uma casa é produzida por carros pesados pelas ruas mal calçadas. Nas que ladeavam a cathedral a passagem desses pesados carros era constante porque era um bairro fabril. Esse movimento e a má qualidade da argamassa empregada na construcção, produziram nas paredes do edificio colossal o resultado inevitavel. John verificou alguns indicios de fendas e ficou afflicto. Correu ao lugar onde se manipulava a mistura da argamassa para inquirir da percentagem de concreto, para saber a verdade, enfim.

— Henry, quero saber a verdade! Qual é a quantidade de cimento que tu misturas nesta argamassa?

Henry respondeu-lhe que não sabia, que o não podia informar. John, com a boca espumando de raiva, agarrou Henry com os seus musculos de ferro e apertou-lhe a garganta para que elle falasse por mal, já que não falava por bem.

— Eu digo!... eu digo... sr. John, rouquejou o pobre.

— Vamos, falla!

— A argamassa é feita com uma parte de cimento para doze de areia!

— Que horror! Mas, nesse caso, todas aquellas paredes poderiam ruir de um momento para o outro!

Arrepiaram-se-lhe os cabellos de pavor! Chamou um operario da sua confiança e ordenou-lhe:

— Diga a Kelly para chamar os trabalhadores dos andaimes e não deixe ninguem entrar aqui!

Acontecesse o que acontecesse, John não consentiria que as obras continuassem naquellas condições. A ordem foi transmittida a todos os operarios e cumprida immediatamente com presteza, porque os operarios não se sentiam muito tranquilos por detrás daquellas altas paredes.

Pouco depois de John dar estas ordens, tão promptamente obedecidas, chegava á portaria do templo a sra. Martha Mac Tavish. Vinha orgulhosa admirar a obra do filho que, com aquelle templo elevado a Deus, apagava no seu coração todos os resaios

que a sua conducta irregular lá deixára. O porteiro, em obediencia ás ordens recebidas, impediu-lhe a entrada.

— Não diga que não posso entrar!... Sou a mãe do sr. Daniel Mac Tavish!

O porteiro, diante desta declaração, franqueou-lhe a entrada. Uma vez dentro da nave principal do templo, a pobre senhora sentiu-se commover perante tanta grandeza. Agradeceu a Deus ter permittido que o seu filho fosse o constructor daquella igreja, o que certamente contribuiria para a sua regeneração. Ao fundo do templo, cravadas na larga parede, erguiam-se duas amplas taboas de marmore. Estavam destinadas a receber os Dez Mandamentos, os ensinamentos biblicos que ella tão bem comprehendia e amava. A sra. Martha Mac Tavish sentiu-se commover até ás lagrimas. Tocou com a sua mão branca aquellas paredes como para as afagar. De repente, os seus olhos pararam espantados em uma fenda que a parede apresentava naquelle ponto: e como continuasse a pesquisar os outros pontos, fendas mais largas se começavam abrindo. Precisamente naquelle instante, ellas alargavam-se desmesuradamente, obedecendo ao peso da construcção. Quiz fugir, gritar, pedir soccorro. Não teve tempo. Com um estrondo formidavel, toda aquella parte da parede ruiu, caindo sobre a infeliz blocos de argamassa, de mistura com madeiramento, que a cobriram completamente.

No gabinete de Daniel, John, a esse tempo, discutia com elle, na presença de Mary e do fiscal Richard as condições da construcção. Antes que John chegasse, Mary já prevenira o marido.

— Ainda bem que vieste. Teu irmão está furioso.

— Por que?

— Esta obra vae desmorrar. O teu concreto é pessimo. Queres enriquecer desgraçando os outros?

— Mary, não sejas tola, respondeu Daniel. Os materiaes de construcção estão carissimos e eu não trabalho de graça. O que o meu irmão quer é arruinar-me, para mais facilmente conquistar o teu coração.

Foi nessa altura que John entrou no gabinete e interveiu na discussão.

— Daniel, tens que melhorar a tua argamassa. Tu não podes desrespeitar todas as leis de Deus sem seres castigado!

— Se eu observasse, como tu queres, os Dez Mandamentos nunca teria enriquecido. Posso gosar neste mundo tudo o que eu quero, e o teu Deus, até agora, não tem podido contrariar-me!

Como para responder a esta tremenda blasphemia, écou pelo espaço um estrondo terrivel. Uma densa nuvem de poeira subiu de todos os lados e uma gritaria enorme se levantou entre os operarios. Um delles, offegante, correu ao escriptorio:

A parede lateral desabou!... Dizem que uma senhora de idade foi sepultada nos escombros!

O coração de John teve um sobresalto. Sua mãe varias vezes lhe manifestára desejos de visitar as obras da cathedral. Seria ella?

Correu como um louco para o logar do sinistro. A creatura não podia ser reconhecida, tantos eram os blocos que a cobriam. John e os operarios trabalham para libertar a infeliz. Logo aos primeiros blocos desviados, John reconheceu sua mãe. Ajoelhou junto do seu corpo inanimado. Daniel foi dominado por um tremendo arrependimento, começando o remorso a torturar-lhe a alma. John tomou o corpo inanimado nos seus braços. Os dois irmãos olharam-se e nesse olhar lia-se perfeitamente o severo castigo de um e o arrependimento doloroso de outro.

Entretanto, de todos os lados corriam multidões, attraidas pelo estrondo. A policia pôz-se em campo e a custo conteve a população que, á força, queria saber a razão e as consequencias daquella grande desgraça.

Mary chorava!

## XI

Chamado com toda a urgencia um medico, este auscultou a infeiz senhora, concluindo as suas observações por declarar:

— Nada posso fazer... Só poderá viver mais alguns minutos.

John fechou os olhos, desesperadamente, como para suffocar a sua dor enorme. Por fim a sra. Martha Mac Tavish despertou. Afagou a mão de John e disse-lhe, num tom de voz quasi imperceptivel:

— John, quero falar com Daniel... a sós.

John afastou-se para junto de Mary que continuava chorando. Daniel ajoelhou junto

do corpo de sua mãe e chorou com amargura e sinceridade.

— Minha mãe, não morra!... dizia elle em soluços. Não morra, porque serei eu o causador da sua morte. Mandeí construir estas paredes com pessimo material.

A infeliz mal o ouvia. A morte, que se approximava, deixou ainda que ella cum-

Mary, e dando a medalha a sua nora, disse-lhe tambem com voz maguada:

— E' o cabelo de Daniel quando era creança!

E entregando a medalha com o cabelo a Mary, afagando a mão de todos tres, expirou!

Daniel ficou dominado \* pelo mais atroz



— John ergueu o corpo de sua mãe nos braços

prisse o seu ultimo desejo. Tirou do seio uma medalha e, mostrando-a a Daniel, disse-lhe numa voz quasi imperceptivel:

— Daniel, é o teu cabelo, quando eras creança. Ensinei-te a temer o bom Deus, em vez de ensinar-te a amal-o... E o amor é a unica coisa que nos une neste mundo!

Depois chamou para junto de si John e

dos desesperos. Via bem que a causa de tamanha desgraça tinha sido a sua ambição de riqueza. Nas taboas de marmore, que o desmoronamento não tinha arrastado e que se conservavam suspensas nos restos da parede, o olhar congestinado de Daniel julgou ler os ensinamentos que elle esquecerá e que seriam o seu castigo. Daniel conven-

ceu-se, finalmente, de que os homens que tiveram bom exito na vida foram sempre aquelles que não titubearam em seguir um rumo novo, corrigindo velhos habitos. E aquelle dia, para sempre memoravel no coração dos dois irmãos, fechou com aquella tremenda, horrorosa desgraça.

Dias depois, a situação de Daniel agravava-se. Era de completo desespero. O fiscal Richard visitou-o em sua casa. Daniel, preso á paixão que ainda o attraia para a formosa Saly, sob o dominio diabolico da sua ambição e da sua irreligiosidade, não se modificára, afinal, com o castigo tremendo que Deus lhe infligira. Quando Richard entrou, mandando sair o creado que servia Daniel, este bebia para esquecer. Richard, logo que ficaram sós, mostrou-he um jornal com o titulo "O grito do justo", que publicava um artigo sobre elle.

— Este pasquim quer desmoralisar-nos e só ficará calado se lhe dermos 25.000 dollars. E' preciso arranjar este dinheiro. Preciso levar este dinheiro.

— Não tenho. Nem para resgatar titulos que são obrigações sérias.

E mostrou-lhe uma carta que recebera do Banco em que se exigia a sua presença para dar satisfações pela falta de pagamento de varias notas promissórias. Richard pouco se importava com isso, as notas promissórias, ao passo que o artigo do jornal podia denunciá-lo a elle tambem. E abrindo o nojento pasquim, poz-lhe deante dos olhos o que elle dizia:

"No proximo numero vamos esclarecer muito mais o procedimento de um certo constructor que compra collares de perolas verdadeiras e falsifica a argamassa para a construção de uma igreja."

Era a ameaça do escandalo. Era a ruina. Era talvez a prisão. Daniel via despenharem-se sobre elle todas as desgraças que o seu egoismo suppunha não existirem. Tomado dum nervosismo que a embriaguez mais excitava, riu primeiro dum riso satânico, tremendo, como a querer desafiar o castigo de Deus! Depois chorou convulsamente. A' certa altura, num movimento rapido, tirou da gaveta o revolver e ia apontá-lo á cabeça para pôr um termo á existencia horrivel. Richard, ainda mais rapidamente, deitou-lhe a mão ao braço, e impediu que Daniel realisasse o terrivel in-

tento. Ao mesmo tempo que impedia que se suicidasse, dizia-lhe cynicamente:

— Não sejas idiota! Tu não te podes safar, assim, sem mim! Se eu fôr para a cadeia, preciso levar um companheiro!

E em palavras mais suasorias, procurou convencel-o que era uma loucura aquelle gesto. Que havia ainda uma maneira de se salvarem. Ia sair. Elle que pensasse. Era preciso tapar a boca daquelle mastim da imprensa. Voltaria depois.

— Se não queres ir para a prisão, trata de recuperar as perolas, ainda que tenhas de empregar a força.

Daniel ficou só no seu luxuoso gabinete. A sua alma estava sob o dominio de uma tortura infinita. Que fazer? que fazer? Perto encontrava-se o aro de vime que elle supuzera um dia havia de ser a sua aureola. Torceu-o e reparou mais uma vez como John tinha razão. Da aureola podia fazer-se uma algema. Longo tempo ainda meditou. Que fazer?... que fazer?... A sua situação era desesperada. Parecia não ter remedio. Mas subito, uma idéa pareceu illuminar-lhe o cerebro. Pegou no jornal e no revólver e metteu-os na algibeira. Em seguida saiu.

## XII

Sally Lung, aconchegada nas suas sêdas e velludos, sonhava embriagada pelo fumo perfumado dos seus cigarros orientaes. Os tecidos transparentes que a cobriam, deixavam-lhe semi-nuas as fórmulas esculpturadas do seu corpo de deusa. As perolas, presente valioso de Daniel, brancas, duma brancura lactea, pareciam mais escuras pousadas no seio alabastrino daquella mulher impudica. No seu olhar de voluptia e de maldade, passavam rapidos relampagos, ora de amor, ora de odio. Sonhava.

A sua casa tinha um aspecto oriental e originalissimo. Tudo alli dava uma impressão de sensualidade e de sonho. O perfume que enchia o ambiente, as largas e doces almofadas, os tecidos macios e acariciantes, tudo condizia com a alma daquella mulher, e com as suas linhas ondulantes do seu corpo de serpente.

Foi com este ambiente e com esta mulher que Daniel se perdera no caminho da existencia. Depois daquella hora de desespero, dirigiu-se á sua casa, vagamente embalado

pela esperança de que Sally o salvaria. Nos seus ouvidos resoava ainda a admoestação de Richard: "Trata de recuperar as perolas ainda que tenhas de empregar a força." Quando Daniel encontrou em casa de Sally, ella lia interessada a noticia de um jornal cujo titulo dizia: "A mulher leprosa que fugiu da ilha de Molakay ainda não foi encontrada". Um sorriso diabolico franziu os lindos olhos de Sally, sorriso que era todo elle um enigma.

Daniel vinha abatido, triste. Beijou-a. Sentou-se nos cochins, aos pés de Sally, que acarinhava com as suas mãos que pareciam garras. Depois de alguma relutancia, Daniel encheu-se de coragem e confessou a razão do seu abatimento:

— Sally preciso de dinheiro. Tu és a unica pessoa que me poderá auxiliar neste momento.

Sally estava longe de esperar semelhante pedido. Arteira e manhosa como era, não respondeu. Procurou a sua bolsa de velludo, abriu-a e voltou-a: não tinha.

Daniel visava outro fim que não esse pobre dinheiro que porventura ella ainda possuísse. As perolas! as perolas é que era preciso que voltassem para a sua mão. Sally trazia-as pendentes ao pescoço de garça, Daniel afagou aquellas pequeninas esferas brancas e disse a Sally com deca-deza:

— Os presentes que eu te dei foram todos muito valiosos, não é verdade? E' agora o momento de com elles me salves desta afflictiva situação. Vaes dar-me estas perolas.

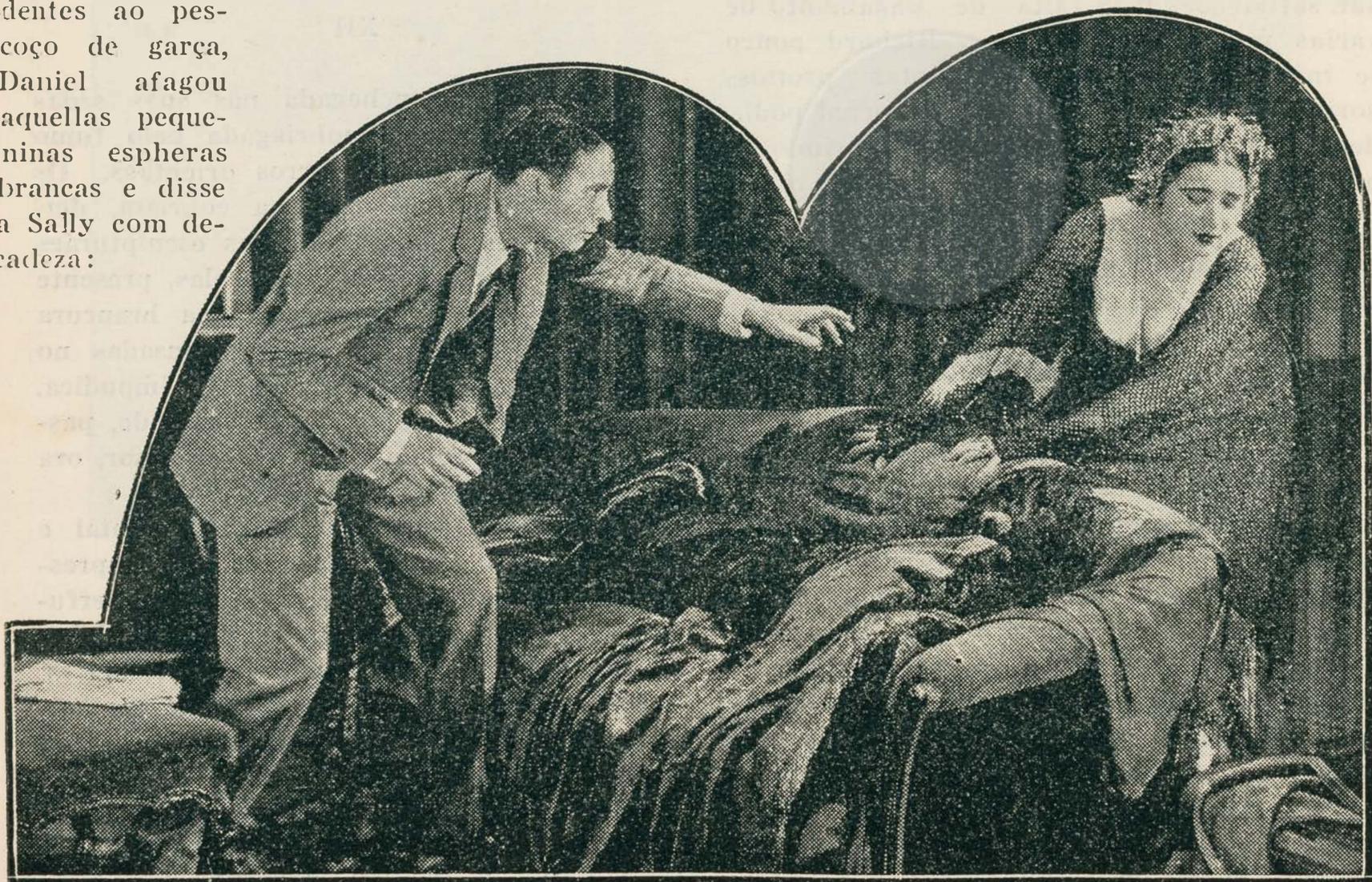
Sally, dum salto, poz-se na defesa das suas preciosas joias.

— Eu não posso viver sem as minhas perolas!

— Escuta!... Eu preciso destas perolas.

— Não! Não! Não t'as darei.

No olhar de Daniel fuzilou um relampago de odio. Dar-lhe-ia as perolas a bem ou a mal. Ia, naturalmente, realisar a sua idéa, quando Sally, batendo o tan-tan de bronze, ordenou á chinezinha que a servia que lhe trouxesse o chapéo e a bengala de Daniel. Os movimentos energicos de Sally pareciam ter, numa primeira impressão, intimidado Daniel. Quando, porém, a chinezinha lhe trouxe o chapéo e a bengala, a idéa sinistra de adquirir as perolas voltou de novo a dominar-o. Poz a creada a murro fóra do aposento e dirigindo-se a Sally tomou-lhe os punhos violentamente, disposto a arrancar-lhe do collo as ambicionadas perolas. Foi uma luta violenta, cruel, terrivel. Rolaram sobre os tapetes; um biombo despedaçou-se;



— Não posso passar sem as minhas perolas

mas, finalmente, elle, mais forte, conseguiu sujeital-a e estendendo-a sobre um sofá, prendendo-lhe os movimentos, arrancou-lhe as perolas. Depois ergueu-se offegante e guardou as joias na algibeira. Os olhos de Sally fuzilavam. Daniel, tomando o chapéo e a bengala, dispunha-se a sair. Olhou-a ainda uma vez e disse-lhe com desprezo:

— Garanto-te que está tudo acabado entre nós!

Sally riu, riu com raiva, com prosa, com odio.

— Não, entre nós não está tudo acabado!

Daniel parou, surpreso com aquelle grito. Que significavam taes palavras?

— Não está tudo acabado, porque os nossos destinos para sempre viverão ligados. Olha, lê.

E mostrava-lhe o jornal que elle leu, rapidamente, no ponto por ella indicado.

— Os teus fardos de juta vieram de uma ilha de leprosos e dentro de um delles vim eu. Eu sou a mulher leprosa que a policia procura. Já vês. Não está tudo acabado entre nós! Sou leprosa e tu o estás tambem e irremediavelmente!

E dizendo estas palavras terriveis de condemnação para Daniel, ria perdidamente, satanicamente, com prazer.

Daniel, afflicto, examinava as suas mãos. Seria o supremo castigo, a suprema desgraça! Elle, um leproso, e por causa daquella mulher maldita! A' luz frouxa das lampadas, Daniel não cessava de ver a suas mãos, em cujas linhas lhe parecia ver os stygmata da doença maldita! E Sally, insensível áquelle desespero, ria satisfeita. Ficára sem as suas perolas, mas vingara-se! Rindo com o seu sorriso de sempre, ia a retirar-se.

— Daniel, adeus. Tenho a certeza que nunca mais te esquecerás de mim.

O infeliz, sob as chibatadas daquelle sorriso, perdeu por completo a serenidade. Puxou do revólver e alvejou Sally, que caiu, mortalmente ferida, enrolando-se no reposteiro a que se procurara segurar. O seu rosto formoso contraiu-se numa grande dôr. A voz apagada, num ultimo estertor, teve ainda forças para dizer a Daniel:

— Vou dar a boa noticia a Satanaz de que tu estás morphetico e não poderás viver muito tempo!

O corpo deu ainda um estremeção violento e depois serenou por completo. Estava morta.

Daniel, minutos passados, teve uma vaga consciencia da sua situação, da sua responsabilidade. Foi examinar o corpo de Sally. Estava morta, não havia que duvidar. Depois, pé ante pé, cautelosamente, apagou as luzes e saiu. A criadinha chinesa espreitava tudo, tremendo de medo, por detrás de um reposteiro.

### XIII

Não ha lugar no mundo onde um homem possa esconder a sua consciencia. Aquella é a voz eterna que constantemente lhe brada o seu crime ou a sua gloria. Daniel, correndo a refugiar-se no seu gabinete, entre aquelle requinte de luxo de que se cercava, não conseguira apagar a lembrança da tragedia de que acabava de ser protagonista. As perolas voltaram ás suas mãos. Mas por que preço? A' custa de que sacrificios? Olhava afflicto as mãos, em que a sua imaginação exaltada via engrandecidas as marcas do mal terrivel e infernal. Querendo apagar da sua memoria tão horrorosas impressões, recorreu a um mal peor: beber. Procurou o alcool nefasto, mortifero, no armario em que o costumava guardar. Ao abrir a porta desse movel deparou com o retrato de sua mãe, aquelle mesmo retrato que um dia o fizera rir cynicamente. A imagem daquella, cuja morte elle provocára com a sua ambição, commoveu-o até ás lagrimas:

— Oh! minha mãe! como estou arrependido! Ah! se eu pudesse recommençar outra vida!

E sobre o retrato, os seus olhos, ennovados de lagrimas, tiveram a impressão de ler a sua condemnação terrivel: "Não matarás!" A sua situação era verdadeiramente desesperadora. Bebeu, bebeu, até se embriagar. A bebida ainda mais perturbou o seu espirito. Teve instantes em que parecia esquecer o que se passara, perdoando a si mesmo os crimes praticados. Mas num momento, os seus olhos inquietos pararam na photographia de Mary que estava sobre o fogão. Aquella imagem adorada da mulher que tanto o amava e para quem tão ingrato fôra, commovera-o até ás lagrimas. Chorou convulsivamente em frente aquelle retrato adorado, beijando-o com arrependimento e pai-

xão. Veiu-lhe um grande desejo de se refugiar junto da esposa querida, de se collocar sob a sua protecção. E correu ao quarto de Mary.

— O que foi? que aconteceu?

— Mary! Acabo de matar aquella mulher maldita que te roubava o meu amor!

— Assassino!

— Sim.

E descreveu a scena horrivel, o roubo das perolas, a morte. E agora ia perdê-la, porque certamente a justiça dos homens o castigaria, separando-o para sempre de sua mulher. Semelhante idéa, despertou repentinamente no máo coração de Daniel o fogo do ciúme. Lembrou-se de seu irmão John e da amizade que o ligava a Mary. Subitamente enraivecido, gritou a Mary:

— Se eu fôr preso e condemnado, não penses que podes ir viver com John! Tu foste contaminada pela lepra dessa mulher maldita por meu intermedio. Para onde eu fôr, minha mulher vae commigo.

Neste momento, alguém bateu e entrou na casa. Daniel teve a impressão de que seria a policia. E era na verdade. Denunciado o crime pela chinezinha, logo os policiaes se puzeram em campo e trataram de procurar Daniel. A creada de Mary, desconfiada daquellas figuras sinistras, que, áquella hora, entravam tão atrevidamente no palacete, intimidou-se e respondeu não a tudo quanto lhe perguntavam. Os policiaes, que queriam sair dalli com o criminoso, inquirindo da creada onde era o quarto de Daniel e Mary, para alli se dirigiram, batendo á porta.

Daniel supplicava a Mary que o occultasse. Mary, condoida da sua situação e vencendo a repugnancia que elle lhe provocara, occultou-o sob as roupas de sua cama.

Os policiaes eram uns sujeitos de má catadura e sem sombra de delicadeza.

— Onde está seu marido?

— Não sei. Ainda não recolheu.

Os policiaes desceram do quarto, Daniel saiu do esconderijo.

— Mary declarou-lhe entre lagrimas — cada vez te admiro mais, apesar de merecer o teu despreso. Mary esquece-me, e se pudes... perdôa-me!

E saltando por uma das janellas do quarto conseguiu fugir á policia.

Mary vê-o partir. Chora a sua enorme infelicidade, consecuencia da descrença, impiedosa de seu marido. A morte, o suicidio, foi desde esse momento a idéa permanente de Mary.

#### XIV

Daniel, saltando pela janella, correu ao ponto do cães onde tinha atracada a sua lancha-motor. O mar estava bravio.

Uma vez a lancha em movimento, Daniel saltou para dentro d'ella e rasgou immediatamente o dorso das ondas. A lancha parecia uma casca de nóz.

Mary saíra de casa pela mesma janella por onde partira Daniel, com a idéa de procurar na morte um termo áquella grande desgraça. Antes, porém, quiz vêr mais uma vez ainda o bom coração que a amára e que a teria feito feliz. Dirigiu-se a casa de John.

Mary, soluçando, contou a John tudo quanto se passava. John ficou horrorisado! Mas para a socegar, disse-lhe:

— Tranquillisa-te. Isso é mais mêdo do que outra cousa.

— Não, John. Eu sei muito hem. E' o fim. Não me poderei salvar.

— Mary, só ha um ente que te pôde salvar... um Ente poderoso que tu esqueceste.

E na sua suave e animadora descripção do episodio da mulher esposa e de Jesus tinham ido para John e Mary as ultimas horas d'aquella noite tempestuosa, em que o vento e a chuva enfurecidos fustigavam as ondas onde vagava sem direcção quasi a lancha-motor em que Daniel procurava salvar-se.

A' certa altura, o motor parou. Daniel perdera o sangue frio, não sabia se havia de reparar o motor, se havia de libertar-se das montanhas de agua que, a cada momento, o ameaçavam de fazer submergir-se com a fragil embarcação. O motor, por fim, não mais funcionou.

Quando pela manhã o sol veio dourar as aguas, já agora tranquilladas, do mar, os destroços da lancha boiavam á flor das ondas e Daniel jazia morto entre os rochedos.

carros de guerra, homens e cavallos, fazendo rolares no mar e voarem aos ares os corpos dos infelizes...

A 4ª parte não é inferior. Deus (que continua invisível), dá a Moysés os 10 mandamentos, que, um por um, saem do fundo escuro, aproximando-se cada vez mais em letras de fogo.

Os israelitas estranharam a longa ausencia de Moysés, fundem um bezerro de ouro, adoram-no em loucas orgias, até que Moysés, indignado, despeçada as taboas da Lei, que acabára de receber do Senhor.

E' este o 1º cyclo, a parte estupenda e monumental da obra cinematographica.

Não quero occultar que os trajés no palacio de Pharaó muito têm de commum com o que se vê hoje no theatro e... na sociedade, dando-se o mesmo na orgia em redor do bezerro de ouro, onde as israelitas, de costas despidas, cobrem a frente apenas com faixas peitoraes e adornos: uma (a irmã de Moysés), fazendo festas ao bezerro de ouro, tem alguns movimentos condemnaveis.

Não justifico estes trajés, antes os re-provo francamente.

A verdade, entretanto, manda dizer que tudo isso desaparece deante da funda impressão das scenas em si, da oppressão no Egypto, da emigração, da passagem pelo

Mar Vermelho, da promulgação dos Mandamentos. Isso, sim, é tão grandioso, tão superior a tudo quanto se vê em cinematographia, que só é possível alegrar-se pelo valor apologetico desse cyclo.

● 2º mostra as consequencias da observancia, ou não dos dez mandamentos de Deus, na vida moderna. O filho mais velho duma piedosa americana respeita-os, enquanto o mais moço pecca contra todos. Este ultimo, por muito tempo, consegue gosar, mas termina desesperado, enquanto o outro vê recompensados os seus sacrificios.

Uma amante do filho prodigo apparece em decote excessivo, mas tambem este cyclo, em si muito elevado, impressionante e lindo, faz esquecer esse ponto reprovavel.

Certos exaggeros religiosos da mãe dos dois rapazes no proprio film têm sua explicação: accusa-se de ter feito o filho temer a Deus, em vez de ensinal-o a ter-lhe amor.

O film "Os dez Mandamentos", enriquecido de musica propria, faz desejar que outras partes do Livro dos livros, da Biblia, sejam reproduzidas com respeito, arte, technica, sumptuosidade e fidelidade eguaes e sem as falhas apontadas. Seria uma apologia moderna da mais segura e completa vulgarização.

*Irei Pedro Sinzig. O. F. M.*

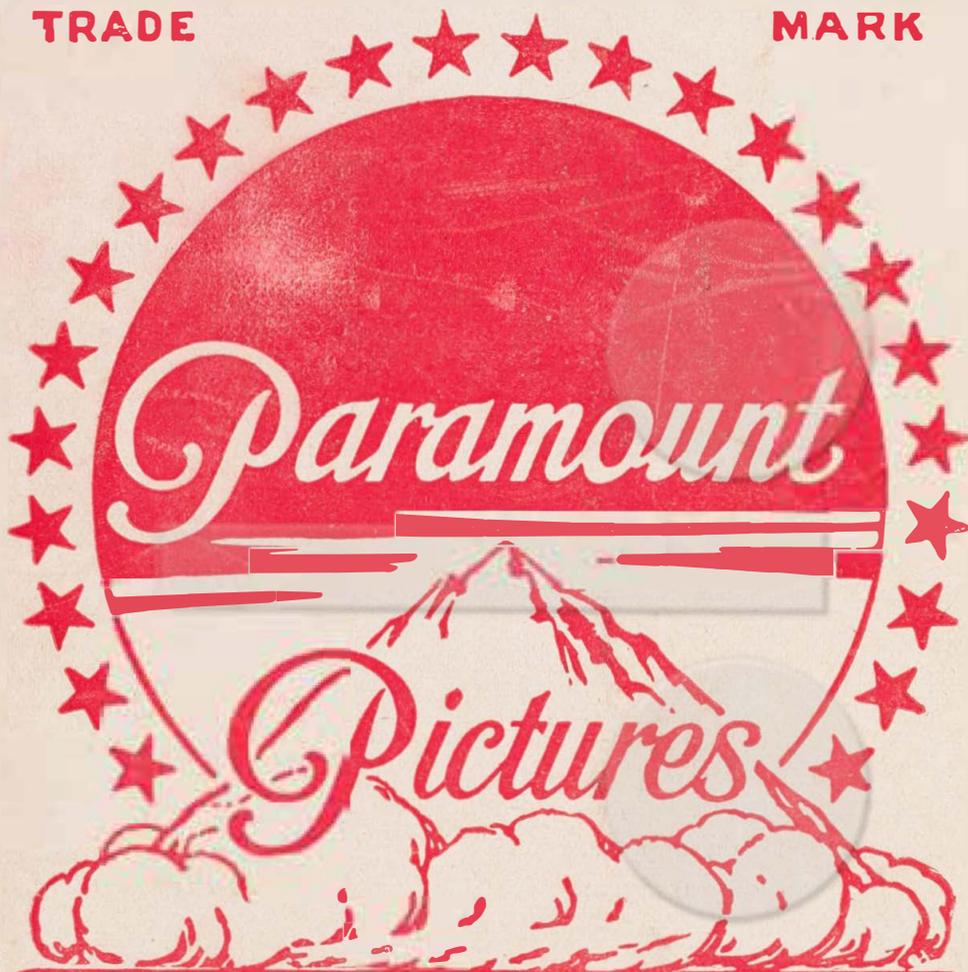
***Este film vae ser exhibido no CAPITOLIO***



# A soberana das marcas cinematográficas

TRADE

MARK



**FAMOUS PLAYERS-LASKY CORP.**

**ADOLPH ZUKOR — PRESIDENT  
NEW YORK CITY**

**Quem exhibe Paramount  
exhibe o que ha de melhor**